Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



Bette Davis e Henry Fonda numa cena da notável super-produção «A INSUBMISSA», («JEZEBEL») distribuição da S. I. F.

2.ª SÉRIE — N.º 25 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 28 DE ABRIL DE 1941 — PREÇO: 1$50





LUCILLE BALL
(A RAPARIGA)

EUGENE O'BRIEN
(O PATRÃO)

GEORGE MURPHY
(O MARUJO)

numa comédia divertidíssima

«A GIRL, A GUY AND A GOB»

Hilariante produção de

HAROLD LLOYD

que a RKO-Rádio Filmes distribui



2.ª série / N.º 25 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

28 de Abril de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A primeira manifestação do «Clube do Animatógrafo»

realiza-se na próxima sexta-feira, 2 de Maio

Um espectáculo no cinema do Palácio das Exposicões do Parque Eduardo VII comentado pelo nosso director

No artigo de fundo do número 3 de «Animatógrafo« intitulado «Onde estão os cinéfilos de há dez anos?...» lêem-se as seguintes passagens:

«Vamos abrir uma inscrição de cinéfilos», na nobre acepção do têrmo, conforme a explicamos no último número. Mas restringimo-la àqueles que já iam ao Cinema em 1929, que assistiram à eclosão triunfal da sonoridade.

Com êles fundaremos um club — o «Clube do Animatógrafo».

... ...

«O Cinema de hoje precisa dos cinéfilos de ontem! Se todos êles se inscreverem no «Clube do Animatógrafo», garantimos-lhe que não terão de que se arrepender.»

E durante meses chegaram à redacção do nosso jornal cartas e postais de cinéfilos a inscreverem-se.

No número de «Animatógrafo» do Natal publicámos a lista dos nomes dos cem primeiros inscritos.

Quando homenageámos Jean Renoir na sala do São Luiz, os sócios do «Clube do Animatógrafo» foram convidados a associarem-se, e lá estavam testemunhando com a sua presença a simpatia e admiração pelo grande encenador francês.

Não descurámos um só momento de tudo quanto se relacionasse com o «Clube», e assim envidámos os nossos esforços no sentido de se obter, para as sessões a realizar, uma sala própria.

O nosso pedido à Câmara Municipal de Lisboa foi deferido ficando à disposição do nosso jornal o esplêndido cinema do Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII para nêle efectuar as sessões destinadas aos sócios do «Clube do Animatógrafo».

Muito gratos ficamos à Câmara Municipal de Lisboa, e decerto os sócios do «Clube» o sentem de forma idêntica, pela deferência que lhe mereceram as nossas intenções, permitindo a organização da primeira festa do «Club» a que se seguirão outras.

O programa do espectáculo da próxima sexta-feira, 2 de Maio, é deveras tentador. A sua organização deve-se ao nosso presado amigo Vítor Lopes, cuja dedicação pelo «Clube do Animatógrafo» tem jus à gratidão de todos os seus componentes.

Escrupulosamente seleccionado, consta de uma evocação do Cinema de há vinte anos. Como nesses tempos o filme mudo será acompanhado da, então, indispensável pianista.

Serão projectados na primeira parte os mais velhos filmes que foi possível encontrar em Portugal. O nosso director comentará os filmes projectados palestrando acêrca da evolução da cinematografia.

Na segunda parte, exibir-se-á um filme que marca uma etapa na história do Cinema sonoro.

Para elucidação do leitor publicamos o programa da primeira festa do «Clube do Animatógrafo».

Êste espectáculo é, como já dissemos, o primeiro duma série que nos propusemos realizar e em que procuraremos atender todos os cinéfilos portugueses.

Os sócios da província que não fiquem desanimados. O nosso jornal organizará em todo o país sessões para os inscritos no «Clube».

E «Animatógrafo» cumpre sempre o que promete.

PROGRAMA

1.ª Parte

Modas parisienses de 1918
Actualidades de 1918
1 filme cómico de MAX LINDER
1 filme cómico de CHARLOT

2.ª Parte

O CAMINHO DO PARAISO
com Henry Garat, Lilian Harvey e René Lefèvre

Uma carta de Leitão de Barros

Leitão de Barros, que presentemente se encontra no Norte a preparar as filmagens do seu próximo filme «Ala-Arriba...» a que nos temos referido largamente, enviou ao director de «Animatógrafo» a carta que abaixo publicamos.

Muito agradecemos ao realizador de «A Severa» a deferência que tem para com o nosso director e com «Animatógrafo».

Meu caro António:

Mostram-me, em pleno trabalho de organização do meu filme, o acolhimento que a tua revista lhe tem dispensado. Por isso quebro uns momentos êste ritmo febril que tem, ainda, entre nós, a preparação dum espectáculo de cinema, para te escrever algumas palavras que reconhecem esta verdade: está modificado o ambiente do meio cinematográfico do nosso país.

Houve certo tempo em que as revistas de cinema, longe de tratarem os vastos problemas e de estimularem as iniciativas, raras e algumas vezes fecundas, adoptavam o género, eminentemente nacional, de «bandarilhas de fogo». Há quem ache salutar essa terapêutica de tauromaquia crítica. Eu acho-a soez. Existem um mínimo de estímulo, de solidariedade e de camaradagem — que não é o elogio mútuo e fácil, com todos os inconvenientes das suas moles reacções. Há muitas maneiras de apontar, com elevação e critério, os acertos e os êrros. Há muitas maneiras de destacar o que é honesto, estudado e consciente e de esquecer o que é improvisado, perigosamente amadorístico, leviana e inconscientemente construído. O nosso cinema, que como todo o cinema da Europa, terá, não muito longínquamente, novos rumos e novos destinos a cumprir, precisa de gente nova, de profissionais entusiásticos, em todos os sectores especializados da produção. Encontrarão êles aquilo que nós não encontrámos e aquilo que lhe estamos preparando: uma oficina e uma indústria. Mas não confundamos valores novos com pessoas que, desconhecendo orçamentos e possibilidades, gisam cândidamente, sôbre o mármore dos cafés, geniais obras de renovação total.

Poucos querem começar pelo princípio — e queixam-se depois de não chegarem ao fim. Sinceramente julgo que a primeira grande doença de que temos de curar o nosso cinema é o «amadorismo». Depois há que proibir-lhe o café! E restringindo, a um mínimo, a loucura das cifras que se apossou de muita gente boa — é de crer que o nosso cinema esteja então apto a começar a andar sòzinho tanto mais que o «espaço vital» que o futuro lhe reserva deve ser largamente mais livre, permitindo-lhe movimentos vastos e proveitosos.

Um sintoma existe já, favorável a essa renovação: é o saneamento da atmosfera, pejada de doentios individualismos. O filme que agora vou começar é obra de 4 ou 8 pessoas que há muitos anos se preocupam com cinema — e não, exclusivamente, obra minha. Não é êste aspecto uma prova de que progredimos? Não é a tua revista, uma outra prova?

De facto, caminha-se. O Estado reconhece-o. E é de esperar que, acreditando-se ainda mais o nosso esfôrço, por expressões duma solidariedade bem compreendida, êsse reconhecimento oficial permita empreendimentos de largo alcance para todos.

Que ela se mantenha — são os meus sinceros desejos. E não é difícil. Já alguém dizia que todos nós somos uma pequena família. Uma família que se dá mal, é certo!...

teu
LEITÃO DE BARROS

À Margem das Fitas

por Raúl Faria da Fonseca

Laginha expõe caricaturas de artistas de cinema, no salão do «Século».

Houve quem lhe criticasse o processo, atribuindo-lhe semelhança com o de Ressano Garcia, sem se lembrar de que a técnica é uma questão secundária e que, portanto, não se pode basear nela a crítica. Porque, em boa verdade, Laginha, posta posta de parte a «forma» é um caricaturista renovador, no que diz respeito à maneira de ver. O seu Clark Gable é disso o melhor indício. E, se nos lembrarmos de que Laginha tem apenas 19 anos e de que é esta a sua primeira exposição (porque são êstes, também, os seus primeiros passos) mais e mais se avolumam as razões que me levam a considerá-lo um renovador ou, até, um revolucionário no género da caricatura. Mussolini, visto pelo botão do seu colarinho, tem novidade e reproduz fielmente a perspectiva da sua imaginação latina, tomando como ponto de vista o modesto e insignificante lugar ocupado por milhares de botões de colarinho, que tem espreitado dali o largo queixo voluntarioso do chefe romano.

A caricatura de Laginha é intencional, mas não tem o tom maldoso de Ressano Garcia. Deanna Durbin e Mickey Rooney, se entrassem na exposição de Laginha e não fôssem inteligentes, sentiriam ganas de processar o caricaturista. A menina da voz de chocolate com leite e o palhaço das mil e uma fisionomias nunca foram tratados com menos cerimónia; ela quási rebenta a pele das bochechas, num sorriso dilatado, solicitado, aplaudido e indiferente perante os dentes ridículos, a cairem inconscientemente dos alvéolos; êle, deslumbrado com o «starpower» do naris abatatado.

Laginha, ainda quando se perde a fazer Fred Astaires e Constance Bennets, mostra a veia de caricaturista, na deformação grotesca e na irreverência das atitudes. Já não é um caso de precocidade e ninguém tem o direito de lhe chamar habilidoso; Laginha é, sem dúvida, um caso de talento. Tenho a certeza de que, se Laginha não se deixar dominar pelos salamaleques de aduladores vazios, de que o nosso meio artístico está lementàvelmente pejado, e se tiver fôrças para arrastar com a vida difícil e acidentada dos artistas íntegros, será uma das suas maiores conquistas no reino da caricatura.

Mas devo lembrar-lhes esta verdade amarga: se, por um lado, entre cada cem candidatos, apenas meia dúzia dá mostras de possuir talento, pelo outro, entre cada cem artistas talentosos, apenas um quarto de dúzia tem coragem para trocar soluções mais fáceis pela sedutora, mas espinhosa, de viver da Arte e para a Arte.

O Cinema e a Medicina

POR **AMILCAR MOURA**

O dr. Amilcar Moura é um jovem médico que fez da sua profissão um sacerdócio. E é como médico que o apresentamos aos nossos leitores, pois ninguém melhor do que um clínico poderá escrever, com conhecimento e segurança, sôbre cinematografia médica.

O artigo que publicamos hoje é apenas uma introdução a futuros trabalhos de maior fôlego. Assim, o dr. Amilcar Moura, médico inteligente e que conhece bem a técnica do jornalismo, mostrará que o cinema de formato reduzido é largamente utilizado em Portugal pelos nossos mais famosos médicos e falará sôbre a utilidade do processo como elemento de estudo clínico.

A história do cinema é uma estrada de glória. Em muito poucas actividades ou indústrias do homem, o aperfeiçoamento caminhou tão ràpidamente como no cinema. Enquanto que em outras manifestações humanas, o alvorecer das descobertas tarda, por vezes, longas décadas em vir à luz do dia, no cinema, o progresso mede-se por anos, por curtos meses. Ainda não passou um lustro e como vão longe já, quási a esfumar-se no esquecimento, os metros mudos das fitas de tremeliques que cansavam a vista embora pouco durassem. De Lumiére a Frank Capra—o curto espaço duma geração—o cinema pulou em fantasmagórica velocidade às alturas de vertigem que hoje atingiu. Os filmes sonoros, os filmes coloridos, os filmes em relêvo... um nunca acabar de avanços, de progressos, de maravilhas!

O cinema que conseguiu, mais que nenhuma outra diversão, livrar o homem das torpêsas e misérias de todo o dia, alcançou, ainda, um maior objectivo: o de projectar o ser humano fora das fronteiras restritas da sua casa, da sua cidade ou da sua aldeia. Deu-lhe a conhecer mundos novos, novas caras, outras mulheres que o seu sexo acanhado há muito sonhava. Que importa que êsses mundos sejam reais ou pertençam ao reino da Ilusão?

É a essa parcela de ilusão que o cinema nos dá por duas ou três horas, que se deve atribuir a sua rápida expansão e aceitação em todo o mundo. É em procura dessa mesma parcela—espécie de anestésico para as dores e aborrecimentos quotidianos,—que caminham para o abismo os morfinómanos, os cocaínómanos, os fumadores de «haschich» ou de ópio, tão espalhados pelos quatro cantos do Universo.

Só por isso o cinema seria benéfico ao homem. Mas a sua contribuïção — formidável contribuïção!—para o bem da Humanidade, não termina aqui. Muito lhe deve o grande edifício da Ciência e, em especial, a Medicina, no sentido mais lato da palavra. Em primeiro lugar, o cinema fêz conhecer ao mundo a vida apagada e tantas vezes inglória dos grandes cientistas. Homens quási sempre arredios das tubas da fama, voluntàriamente isolados na penumbra calma dos seus gabinetes de trabalho, não tendo outra intenção que a de perseguir a descoberta dum sôro, duma vacina ou de um extracto — êsses homens solitários que viveram e morreram sem que os seus nomes viessem em parangonas na primeira página dos jornais — êsses homens obscuros e simples, foram arrancados das próprias sepulturas e projectados ante os olhos atónitos do público. O cinema «ressuscitou-os». Ressuscitou a sua obra, fixou em quilómetros de celulóide, as suas biografias animadas, vivas, palpitantes. Contou-nos os esforços supremos da Inteligência na conquista do desconhecido. Contou-nos as suas tremendas lutas e, quantas vezes, as insuperáveis dificuldades que êsses homens tiveram de vencer. Relatou-nos, enfim, a vida heroica dêsses génios do Bem que os homens do tempo muitas vezes desprezaram e que as nossas almas hoje apreciam em todo o seu esplendor e magnificência. Quem se esqueceu da «Vida de Pasteur» em que Paul Muni encarna a figura do famoso francês cujas descobertas solucionaram um dos mais aflitivos problemas da Humanidade? Foi o cinema que deu a êsses homens a justa compensação do seu esfôrço. E, em tantas biografias de médicos ilustres que perpassaram na sala escura, o público aprendeu a conhecer o trabalho inglório do facultativo da província, voluntàriamente dedicado à prática do bem, sem outra recompensa que a satisfação do dever cumprido. A multidão aprendeu a conhecer e a respeitar os Mestres da Medicina, porque os viu actuando, envolvidos no cenário austero dos grandes hospitais, a procurar arrancar da morte centenas de vidas e a aliviar do sofrimento os corpos míseros.

Além de tudo isso, os filmes favoreceram extraordinàriamente a expansão das últimas descobertas no campo da Medicina ou da Cirurgia. Esta última, sobretudo, foi largamente beneficiada. Os grandes professores da Cirurgia tiveram possibilidade de mostrar ao mundo inteiro as mais recentes inovações na «arte do bisturi». O espantoso poder do cinema trouxe até aos nossos olhos deslumbrados os movimentos dessas mãos privilegiadas que arrancam das entranhas o mal que as corrói, dessas mãos dotadas de faculdades quási divinas que têm a audácia de cortar, de dilacerar, de dar nova arrumação a partes antes consideradas «tabus» do corpo humano. Ainda não há muito tempo, um dos mais famosos cirurgiões da região gástrica, Victor Panchet, teve a ideia de apresentar, num congresso de cirurgia, um filme de desenhos animados que mostrou, perante a científica assistência, os últimos progressos na técnica de ressecções de estômago em casos de úlcera. A apresentação do referido filme que causou viva sensação nos assistentes, valeu muito mais que todos os pormenores que bôca autorizada proferisse, muito embora se acompanhassem de desenhos ou fotografias.

Uma outra aplicação do cinema que tem prestado grandes serviços aos biologistas, aos fisiologistas, e, em geral, a todos os que se interessam pela Medicina, é a microcinematografia. A vida dos inifinitamente pequenos, seres microscópicos, responsáveis pela grande maioria dos males que afligem a Humanidade, era, até há bem pouco tempo, escassamente conhecida. Com Pasteur — o genial criador da bacteriologia — começaram os micróbios a ser estudados quanto à sua forma e às acções que provocavam. O microscópio, a microfotografia e, por fim, a microcinematografia introduziram no estudo dos infinitamente pequenos notáveis progressos. É assim que nós podemos hoje assistir, còmodamente sentados, às lutas bárbaras que se desenvolvem numa simples gota de água dos pântanos, entre os seus minusculos habitantes. As pequenas massas vivas combatem ferozmente para a conquista da partícula de alimento que há de nutri-las. Extasiados, assistimos ao desenrolar de tais batalhas que são, afinal, a reprodução em ponto pequeno das próprias batalhas dos homens. A microcinematografia revelou, igualmente, como se «casam» e como se reproduzem os pequenos sêres. Ela permite-nos observar o nascimento duma nova célula ou o crescimento dum tecido, à invasão dos glóbulos do sangue por elementos parasitários, etc. Numa palavra, a microcinematografia tornou possível o melhor conhecimento do «modus vivendi» dêsses animáculos, surpreendendo-lhes as suas manifestações por forma viva, animada, coisa que nunca conseguiriam fazer as preparações do microscópio ou a simples fotografia.

Ao cinema se deve, ainda, a perfeita observação de certos movimentos dos animais que, em razão da velocidade com que se produzem, eram deficientemente conhecidos. O filme ao «ralenti» permite estudar as sucessivas posições da parte em movimento que é decomposto nos seus elementos parcelares. Serve esta mesma decomposição para a correcção de atitudes viciosas em gimnástica médica ou em competições desportivas.

Uma outra aplicação do cinema à Medicina é a que se utiliza da exibição de determinados filmes, propositadamente realizados ou escolhidos, em Manicómios. Mediante êste processo tem-se obtido, em algumas formas de doenças mentais, curiosos resultados quanto à conduta dos doentes e ao resultado das suas reacções durante a projecção.

É de crer que o constante e rápido progresso do Cinema traga, em breve, à Ciência e, portanto, ao homem, maior soma de auxílio que se traduzirá em grandiosos benefícios.

PANORÂMICA

Um discurso e uma verdade

No brilhante discurso que pronunciou na festa da distribuïção dos prémios literários e artísticos do Secretariado da Propaganda Nacional, realizada no Teatro D. Maria II no passado dia 18, António Ferro disse as seguintes palavras que não quereríamos deixar de transcrever nas páginas de «Animatógrafo»:

«Portugal — dizia-me há dias um dos maiores portugueses do nosso tempo e de todos os tempos — deve impor-se nesta hora, mais pelo seu presente do que pelo seu passado. A nossa época, infelizmente, é uma época histórica, mas sem o culto da História. Tudo quanto façamos, portanto, para demonstrar que possuímos uma alma viva, moderna, contribuirá para que nos olhem com simpatia e com respeito. Sempre que ouvirmos, em bôcas estrangeiras, a palavra Portugal, respondamos, portanto, num grito colectivo, unísono: «Presente!». Acima de tudo que não nos julguem estáticos, adormecidos, que não suponham ser fácil passar por cima de nós como por cima dum corpo morto. Na hora que passa o sono das Nações é o seu fatal enregelamento, a sua morte.»

«Portugal deve impôr-se nesta hora, mais pelo seu presente do que pelo seu passado» — eis o conceito de um verdadeiro homem de Estado, eis uma verdade de que muito boa gente ainda se não compentrou, perdida na contemplação exclusiva e saudosista das caravelas dos Gamas — maravilhosa fita das mais magníficas aventuras, que ainda hoje risca as manchas azuis dos mapas do Mundo e projecta o nome e o prestígio de Portugal pelos quatro cantos da Terra. Mas «Portugal deve impôr-se nesta hora, mais pelo seu presente do que pelo seu passado», e no Mundo actual o Cinema é um dos sintomas de vitalidade — de *actualidade* — dos povos, um dos mais poderosos instrumentos que modernamente se encontram à disposição das Nações para vincarem a sua *presença* à face da terra e à luz do Sol. Por isso não descansaremos enquanto não houver em Portugal Cinema Português, Cinema com C grande, isto é, Cinema regular e contínuo — na quantidade e na qualidade.

O aniversário do Olimpia

O cinema Olimpia acaba de comemorar o seu trigésimo aniversário. Congratulamo-nos pelo facto e felicitamos o actual gerente da popular casa de espectáculos fundada por Leopoldo O'Donnell por estar à testa dum cinema que atingiu uma bonita idade e que conta uma brilhante fôlha de serviços prestados à causa cinematográfica.

Na pessoa do sr. dr. Guilherme Viana, felicitamos o Olimpia de Leopoldo O'Donnell.

Manuela Pôrto

No salão de festas do «Século», realizou-se um interessante recital em que Manuela Pôrto, artista de raça e «diseuse» de apurado gôsto, disse vinte e dois, poemas portugueses, escolhidos entre os nossos maiores mestres do género.

E porque foi uma noite bonita — noite de arte, de elevação e de beleza — aqui deixamos estas linhas de justa homenagem à talentosa intérprete de António Nobre, de Camilo Pessanha, de Fernando Pessoa, de José Régio e de Adolfo Cassis Monteiro — que «Animatógrafo» viu e ouviu com prazer e enlêvo.

A manifestação nacional a SALAZAR

Sai êste número do «Animatógrafo» no dia que alguns portugueses de boa vontade escolheram para manifestar ao sr. Presidente do Conselho a gratidão do nosso povo pela obra que realizou e continua realizando desde que interveio, como Ministro das Finanças, no Govêrno da Nação, em 1928. Atrás dêle, com uma prontidão e um entusiasmo significativos, alinharam logo milhares e milhares de portugueses, que irão hoje ao Terreiro do Paço saüdar o Homem e o Chefe. Porque Salazar consegue ser o Homem que nunca esquece os seus deveres de Chefe — tão duros e tão graves, na hora agitadíssima que passa — e um Chefe que nunca esquece a sua condição de Homem.

Com êsses muitos milhares de portugueses, e tão sinceramente como êles, irão todos os que trabalham nesta casa, e por certo também todos aqueles que trabalham no Cinema Português. Porque ao Chefe que a Providência em tão boa hora quis conceder a Portugal se deve, sem dúvida, do pouco que se tem feito, a maior parte do que se fez — e, sem dúvida, a possibilidade de o fazer.

Protegendo, na medida do imediatamente possível, a criação da Tobis Portuguesa — isentando-a de contribuïções e impostos de tôda a ordem, medida que se estendeu depois a outras entidades produtoras; autorizando o Secretariado da Propaganda Nacional, que dêle depende directamente a produzir regularmente filmes cinematográficos, de grande e de pequena metragem; interessando-se pela marcha e pelo progresso da realização portuguesa de documentários — Salazar, apesar de outras bem mais urgentes tarefas, tem mostrado maior compreensão do problema que muitos dirigentes bem mais estreitamente interessados nêle.

Por isso o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema promoveu a convocação de todos os seus sócios para as 17 horas de hoje à porta da sua sede, na Rua D. Pedro V, 60, afim de se dirigir em massa ao Terreiro do Paço, para comunicar a Salazar o seu mais expressivo reconhecimento, como gente do cinema que é — e, acima de tudo, como simples portugueses, conscientes de quanto devem ao maior de todos os portugueses do seu tempo.

Vem a-propósito evocar dois momentos a que nos honramos de ter assistido de muito perto, por privilégio de cinematografistas, e por condescendência gentilíssima do sr. Presidente do Conselho.

O primeiro decorreu no alto da Tôrre de Menagem do Castelo de Guimarães, ao meio-dia glorioso de 6 de Junho de 1940, quando Portugal ergueu, pelas mãos do sr. General Carmona — e que outras mãos mais dignas poderiam ser escolhidas? — a mesma bandeira que ali drapejou há oito séculos.

Falava Salazar. Uma espantosa multidão — espantosa pelo número e pela atitude, embora não pudesse causar espanto que Portugal, naquela hora única, tivesse inteira consciência de si próprio — estendia-se-lhe aos pés, sem submissão, antes com a mesma altivez com que êle se recortava nas ameias, mas recolhia-se no mais respeitoso e simbólico silêncio. A voz do Chefe multiplicava-se pelo Campo do Salvador, falando a todos aqueles ouvidos ávidos como se fôsse a cada um. Soava pausada e firme, com aquela quási frieza que lhe deram tantos anos de cátedra unïversitária, e aquela lucidez de expressão que reflecte nìtidamente a lucidez do seu espírito e da sua inteligência. Mas, no final, as suas mãos haviam escrito estas duas palavras: Viva Portugal! E ao lê-las — a sua voz traíu-o: soou nervosa, perturbada pela emoção intensíssima, que o contagiava como a qualquer português. E vi-lhe lágrimas de comoção nos olhos, como todos lhas puderam ouvir na voz.

O outro momento foi no Palácio da Ajuda, na entrega ao Chefe do Estado das respectivas cartas de credência por todos os embaixadores e enviados especiais das nações do Mundo à Grande Festa de Portugal, Jubileu da Fundação e da Independência. Mandava o protocolo que, depois de entregues ao Chefe do Estado, elas passassem para as mãos do Ministro dos Negócios Estrangeiros. Salazar estava um pouco atrás do sr. General Carmona. E ao receber tantas e tão altas provas de aprêço universal por um país que, poucos anos antes, êle salvara da anarquia, da ruína e do descrédito totais, vi-o sorrir de puro orgulho português, orgulho igual ao que todos os portugueses deveriam sentir nesse momento. É que estavam ali, diante dêle, lado a lado, os representantes de nações que, fora das nossas fronteiras, travavam uma luta sem quartel. E tôdas elas vinham provar a Salazar que a sua política não tinha sido inútil, que, como êle disse num discurso, o que é preciso é «ter sempre razão».

Êstes dois momentos significam aos nossos olhos mais do que uma bela, uma inesquecível recordação: são a verdadeira síntese da ordem interna e externa de que Portugal disfruta e disfrutará, sob a égide de Salazar — e com a bênção de Deus.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A partir de 3.ª-feira, **29**
a **Sonoro-Filme**
apresenta no

SONORO FILME

São Luiz

o espectáculo «clou» da temporada

com
JOEL Mc CREA
HERBERT MARSHALL
e LARAINE DAY



PRODUÇÃO
WALTER WANGER
PARA A
UNITED ARTISTS

Um filme poderoso, emocionante, de flagrante actualidade. A história dum audacioso «reporter» americano que vem à Europa conhecer os bastidores da grande política internacional

CORRESPONDENTE DE GUERRA

(FOREIGN CORRESPONDENT)

Considerado pelos críticos americanos **«Um dos 10 Melhores Filmes de 1940»**



SONJA HENIE

Aqui têm uma bonita fotografia da deliciosa estrêla da «Fox-Filmes» que vamos ver esta época em «Tudo acontece à noite»



OS GRANDES MOMENTOS DA VIDA
Só um
Ciné-Kodak Oito
os fará reviver
logo... ámanhã... sempre...
É o casamento de hoje, o baptisado de amanhã, os vossos passeios, tôdas as cênas da vossa vida filmadas por vós próprios.
Os dias passam, vossos filhos crescem, mudam os amigos. Guarde, pois, vivas lembranças dêsses dias .... relembre os gestos, as atitudes dos que vos são queridos.
Decida já. Filmar com Ciné Kodak Oito não é caro nem difícil. Cada cêna não custa mais do que uma vulgar fotografia. Peça-nos uma demonstração sem compromisso.
CINÉ 'KODAK' 8
KODAK L.da - R. GARRETT, 33 - LISBOA

CINEMA PORTUGUÊS

I) A carreira de actor de Cinema

> «É indispensável muito mais para se chegar a ser um grande artista. É disto que os principiantes não se querem convencer, por mais que se lhes diga».
>
> ALPHONSE DAUDET

Conforme já aqui informámos, (1) uma leitora desconhecida escreveu-nos para nos formular uma pregunta, a seguinte pregunta:

—«Tenho uma filhinha de dois anos e meio. Se ela gostar, um dia, de cinema, como eu sempre gostei, que devo fazer, em que directrizes devo começar a orientá-la, para não lhe suceder o mesmo que a mim, que nunca pude satisfazer a minha ambição?»

Dissemos então não acedermos a dar um conselho, que envolvia responsabilidade, mas prometemos indicar, numa curta série de artigos, as condições, as bases para, em nosso entender, se formaram futuros artistas de cinema.

Dest'arte, sem darmos conselho, satisfaríamos o pedido que nos foi feito.

O artigo que segue é o primeiro da série referida.

I

De pequenino se torce o pepino — diz o povo no seu profundo conhecimento, na sua longa experiência da vida. De pequenino, de facto, se preparam as futuras bailarinas da Ópera de Paris.

Parece-nos, portanto, que desde tenra idade se deve preparar aquêle—ou aquela—que os pais ou os educadores gostariam de ver seguir a arte dramática, como hoje preparam a criança para mais tarde cursar — se ela quiser —medicina, engenharia e música.

Mas—podem interpelar-nos — só a vocação servirá de índice aos pais ou aos educadores e não é, aos dois anos e meio, que ela se evidencia.

Não, decerto — responderemos —mas assim como o tablado é o primeiro passo para, anos volvidos, se estudar cálculo integral, métodos há a empregar na meninês para serem utilizados, com êxito, na adolescência; métodos a que nós, portugueses—pouco dados à adoração da criança (diga-se a verdade) — não ligamos a importância devida mas que são de grande préstimo através da vida e duma qualquer carreira.

Assim, a criança—venha donde vier e seja qual fôr a profissão a que a destinem— deve, desde tenra idade, fazer gimnástica. Julgamos inútil encarecer as vantagens de tal prática, muito principalmente a quem se destina à arte de representar, onde se exige boa plástica, saúde de ferro (e o cinema exige tanta saúde!) e conhecimentos seguros e completos de coreografia — de dança que só pode ser harmoniosa e bela quando se tem o corpo treinado, trabalhado pela gimnástica.

Hoje mais do que nunca, a primeira condição para o candidato a actor é afastar-se da ignorância, como já dizia Sarcey, a grande autoridade em crítica teatral, referindo-se aos candidatos à carreira do tablado. O actor, exactamente porque vive em contacto íntimo com um mundo superior onde se agitam personagens de variados caracteres e psicologias; porque tem de apresentar ao público temas por vezes complexos e que lhe exigem aturado estudo e meticulosa análise; porque tem de estar familiarizado com a História, a Literatura, a Música e as Ciências, para bem interpretar uma personagem histórica, incarnar uma figura célebre de literatura, da música ou da ciência—e inclusivé saber pronunciar os seus nomes com correcção, naturalidade e à-vontade — a-fim-de evitar certos disparates que é freqüente ouvir-se, às vezes, na T. S. F.; porque tem de conviver com a plateia onde há gente culta e gente que precisa de ser cultivada—necessita de apurada instrução. Portanto, a criança destinada à carreira do cinema, deve ter bons mestres e — pormenor importante—conhecer línguas, visto que hoje, em pleno reinado do sonoro, um artista transita de país em país para fazer filmes nas linguagens mais diversas. Quantos actores famosos não viram a sua carreira cortada pelo sonoro só porque eram... burros velhos (passe a expressão) e já não podiam familiarizar-se com idiomas estrangeiros?

II

Como será óbvio dizer-se, a criança só deve tentar a carreira cinematográfica se para ela manifestar vocação ou acentuada tendência. E cumpre então aos pais, ou aos educadores, ver até que ponto vai a sua intuição e se eleva a sua sensibilidade. Talma representou desde muito novo. Conta-se que, certa vez, na escola, dramatizou de tal forma a narração dum acontecimento que a aula se debulhou em lágrimas e o próprio actor incipiente se comoveu. Nos nossos dias, o ci-

(Continua no próximo n.º)

MOTA DA COSTA

(1) «Animatógrafo», 2.ª série, n.º 23 de 14 do corrente.

VER OUVIR... E FALAR

Não se aprende a desenhar, a esculpir um baixo relêvo, a pintar um retrato ou uma paisagem, como se aprende «francês sem mestre». Para se triunfar em qualquer arte é mister que o instinto, a vocação, aproveitem as lições do saber e da experiência ministradas por um magistério que o não seja apenas em teoria. Isto é: é preciso que o decidido geito de cada um, denunciador de qualidades especiais, receba e aproveite ensinamentos que lhes dê alguma coisa mais do que o título de «hábil curioso».

Da mesma forma, um realizador cinematográfico não se improvisa de um dia para o outro. Não bastam leituras atentas nem a assiduidade da presença nas salas escuras. Exige-se mais. Exige-se muito mais, mesmo, que a troca de impressões com artistas que já respiraram a atmosfera dos estúdios ou o contacto com alguns técnicos — que tantas vezes valem aos supostos directores.

Os nossos homens de cinema são todos «hábeis curiosos». Tentativas individuais de encenação por palpite contribuiram, de facto, para a formação técnica dalguns dêles. Isso porém, não os habilitou de todo, com segurança e relativa rapidez, a tal honra e proveito de serem realizadores.

Estas palavras vêem a propósito da pouca importância que se tem ligado à presença no nosso País de tantas figuras gradas do Cinema, as quais poderiam contribuir de algum modo para o aperfeiçoamento da nossa máquina de fazer fitas. É já sabido que há dois métodos para se efectuar uma indispensável aprendizagem. O primeiro: ir lá fora, estudar, viver na intimidade dos estúdios, respirar a atmosfera da sua laboração, não como simples espectador, mas agindo se possível fôr. O segundo consiste em importar mestres, coisa que não seria nova, pois o mesmo se fez em vários ramos das ciências, das artes e das indústrias e em períodos diversos da nossa vida nacional.

Tempos houve em que se pensou nisso, mas objectou-se que qualquer dos processos se tornaria muito dispendioso. Mandar lá fora gente ou contratar pessoas acarretaria despesas grandes que não seriam possíveis à iniciativa particular. Talvez, houvesse razão. Mas, agora, que tantos técnicos bons têm passado por Portugal e alguns dêles em situações bem difíceis — não compreendemos o desinterêsse.

Tão importante como a aquisição de material, é conseguir o pessoal técnico, de competência e confiança, que constitui uma das bases fundamentais do êxito. Importando-o lucrava-se tempo e não deixaria de se criar uma escola, onde muito aproveitariam mesmo aqueles que já devem o seu triunfo à fôrça criadora da sua inteligência, ao resultado dos seus estudos, à inabalável perseverança da sua vontade, ao sonho de tôdas as horas e de todos os minutos, à firme vocação de que se sentem possuídos. E a tarefa não seria difícil nesta terra de gente esperta, com lume no ôlho...

Assim, os nossos homens de cinema apenas têm do ofício umas lambuzadelas de cuja proficuidade não ousamos duvidar. Não queremos com isto ofender ninguém. Todos, uns mais do que outros, acusam condições indiscutíveis. Mas êles serão os primeiros a reconhecer que temos razão. Sabem que aqui ao pé da porta o cinema tomou novo aspecto nos últimos tempos. O próprio Govêrno promulgou medidas atinentes ao desenvolvimento da indústria, anunciando-se já para esta temporada mais de trinta filmes. E essa continuidade de produção só foi possível com a presença de técnicos estrangeiros nos seus estúdios ou com o envio dos seus técnicos aos estúdios estrangeiros.

Não será o exemplo de seguir entre nós? Não contribuirá êle para que se impulsione, corajosa e decisivamente, a nossa indústria de fitas, para que se lhe rasgue um caminho mais amplo e seguro?

AUGUSTO FRAGA

NÃO CAIA NOUTRA!...

conselhos aos realizadores

A revista cinematográfica espanhola «Primer Plano», publicou, no seu número de 13 do corrente, um curioso artigo, assinado por António de Obregón, intitulado: «Topicos del realizador» e sub-intitulado «Lo que ya no deberá hacer». Por se tratar dum artigo curioso e que merece ser divulgado, pedimos vénia para o traduzir e transcrever nas nossas colunas.

Exprimir o decorrer do tempo por fôlhas de calendário que caiem, levadas pelo vento, até ao dia conveniente.

★

Exprimir o rodar das horas pelo movimento dos ponteiros de um relógio, até à hora precisa.

★

Panorâmica de uma carruagem que passa, porque está visto que os raios das rodas gostam de nos pregar a partida de dar a impressão — desde os primórdios do cinema — de que aquelas giram na direcção contrária.

★

Que a personagem que tem um copo na mão, mostre a sua emoção com a cara — e não pela tremura do copo que tem na mão.

★

Que os actores não fumem demasiadamente com o fim de aparentar que estão muito nervosos, ou porque não sabem o que hão-de fazer com as mãos.

★

Não imitiar o cinema americano apenas no hábito das personagens desenvoltas pôrem os pés em cima das mesas.

★

Mais fixador e menos ondas nos galãs de casaca.

★

Evitar que os actores saiam de cena, como no teatro, quando acabam de falar — e fazer com que que percam a nostalgia das gambiarras.

★

Que o champanhe não estoire, a fim de se evitar a ideia terrorista de que, quando se desrolha uma garrafa, morre alguém na fita.

★

Não recolher como motivo dramático — depois do rompimento do galã com a protagonista — a flor caída no sobrado ou o torcer de mãos da actriz.

★

Compreender que as «mães» podem ser magras.

★

...E os criados, jovens.

★

Que as patas dos cavalos nos caminhos poeirentos não sôam como sôbre um tambor.

★

Menos perfeição no ruído das portinholas dos carros, quando se fecham — êxito culminante do cinema em matéria de registo de som — e mais cuidado nos sorrisos, quando se abrem.

★

Dar-nos a impressão de que as personagens viajam, por alguma coisa mais do que um plano das bielas duma locomotiva.

★

Ter em conta que, depois das personagens dizerem o que tinham a dizer, com a palavra ou com o gesto, sobejam no *écran*.

★

Que quando alguém bate com os nós dos dedos numa porta fechada, não deve repetir outra vez a chamada com os nós dos dedos.

★

Que o realizador se convença que não percebe de modas e que deve ser assistido por uma senhora competente.

★

Que o galã não tire o lenço do bôlso das calças quando leva outro, para presumir, no bôlso do casaco, o qual não pode ser mais sórdido na vida do que no celulóide.

★

Que a chegada da legenda «Fim» não se comece a prever tresentos metros mais cedo do que é preciso.

ANTÓNO DE OBREGÓN

COMENTÁRIOS...

Como Josephine Baker — agora tão em voga em Lisboa «J'ai deux amours»: o Cinema e as coisas coloniais. Parece que são interêsses que se excluem, mas não é verdade. Em ambos há a preocupação dos largos espaços, da maior luz e do melhor rendimento. Apenas estas palavras têm sentidos tudo-nada diferentes.

Mas que o Cinema nem sempre tem servido convenientemente o espírito colonial aí está a recente fita sôbre Stanley e Livingstone a demonstrá-lo.

Vem pois êste comentário a propósito de nova tentativa sob êsse aspecto agora feita nos estúdios alemães e acêrca de uma grande figura de explorador e colonial germânico: Karl Peters.

Foi a Bavaria-Filmkunst quem produziu o filme no qual a vida do grande pioneiro colonial e a sua luta para conquistar para a Alemanha a que depois foi a colónia de Tanganica é exaltada.

Não podemos deixar de aplaudir que se trouxesse para o écran um período tão interessante e tão significativo da história colonial germânica. De facto a personalidade de Peters avulta como um símbolo. O filme que tem como protagonista Hans Albers é, com efeito, a evocação da vida gloriosa de Karl Peters desde a sua juventude até à sua morte em 1918. As suas relações com o dr. Julke Conde de Pfeil, com o chanceler Bismark e com o próprio Imperador são narradas com singular mestria.

O govêrno inglês reconheceu o alto valor da obra de Peters em África ofereceu-lhe o cargo de governador da Uganda que o explorador revelara em parte ao Mundo. Peters recusou o oferecimento e talvez por isso definiu o seu carácter tão especificamente germânico.

É um drama a vida de Karl Peters. Portugal deve como pátria dos maiores descobridores, exploradores e coloniais de todos os tempos dar a esta obra o interêsse e curiosidade que ela merece.

ALVES DE AZEVEDO

O PRIMEIRO FILME PRODUZIDO POR HAROLD LLOYD: «A Girl, a Guy and a Gob», para a RKO-Radio



Harold Lloyd, que em «A Girl, a Guy and a Gob» se estreia como produtor de filmes, interessa-se por tôdas as fases da produção. Aqui o vemos ao lado de Hugh Mc Dowell assistindo a uma gravação de som

Harold Lloyd mais que qualquer outra personalidade do cinema americano, podia hoje permitir-se o luxo de não mais voltar a ter a mínima preocupação com as coisas de Cinema, a interferir no trabalho complicado e difícil dos estúdios. Muito embora pudesse ficar com a absoluta consciência do dever cumprido, dever que se manifesta na sua prodigiosa carreira e na satisfação íntima da sua valiosa contribuïção em optimismo, em alegria, em sã diversão com que em mais de um quarto de século brindou o público das salas obscuras de todo o mundo. Primeiro porque a sua carreira, tão longa e tão admiràvelmente preenchida a isso o autorizava, uma carreira de que, a bem dizer, só se podem orgulhar, Charlie Chaplin, Cecil B. de Mille entre os realizadores, Samuel Goldwyn e Jesse L. Lasky no que respeita os produtores e Adolph Zuckor entre os dirigentes supremos das emprêsas produtoras. Depois, porque as preocupações de ordem material estão para êle muito longe de o poder atormentar; o dia de amanhã, para si e para os seus, não o preocupa, certamente, porquanto Harold é hoje em dia o mais rico homem de cinema que passeia pela Califórnia, um Cresus autêntico com a sua astronómica fortuna de vinte milhões de dólares, qualquer coisa de irreal e de inconcebível para qualquer simples mortal!

Actor de ontem, produtor de hoje

Harold Lloyd, que depois da sua resolução de não voltar a ser intérprete de filme algum, podia muito bem passar o resto da vida em tranqüila convivência com a mulher e os filhos, vivendo descuidado e principescamente na mansão de sonho que é a sua casa dos arredores de Hollywood, não quis. Preferiu a actividade febril dos estúdios que desde muito novo aprendera a cultivar, quis antes arcar com as responsabilidades enormes que caracterizam a chefia duma organização de produção.

Não é impunemente que se assiste ao nascimento duma arte e ao desabar duma indústria e delas se participar em lugar de primeiro plano.

Harold Lloyd [illegible] actor, desapareceu para semp[illegible] dos écrans. Em seu lugar um no[illegible]o produtor nasceu agora em Hollywood!

A Girl a Guy and a Gob, a sua primeira produção

A primeira produção do intérprete inesquecível de «Caça à Raposa» e «Sogra Fantasma», de «Harold Encravado» e do «Caloiro», de «Levado da Breca» e de «Doido pelo Cinema», para a RKO-Radio não podia ser um filme qualquer, uma comédia igual a tantas daquelas que têm saído e continuam a sair em série dos estúdios da Costa do Pacífico. Pelo contrário, o seu nome tinha que servir ao público de sério penhor da qualidade e da originalidade dessa primeira obra. Era indispensável que resultasse absolutamente, que atingisse a *mouche* do agrado unânime do público.

Para que assim fôsse — e foi-o, podemos dizê-lo já, como o provam não só as impressões unânimes da crítica americana, como êsse insofismável barómetro do êxito que é a bilheteira duma casa de espectáculos — para que assim fôsse, diziamos, Harold Lloyd não regateou colaboração, não desdenhou rodear-se de óptimos auxiliares, indo buscar desde o argumentista ao realizador, dos intérpretes ao técnicos, elementos de valia que pudessem ajudá-lo eficazmente na sua tarefa.

Os colaboradores

O argumento de «A Girl, a Guy and a Gob» deve-se à imaginação fecunda de Grover Jones que foi um dos mais produtivos «scenaristas» de Hollywood, e serviu à maravilha ao realizador Richard Wallace para dêle fazer um filme hilariante, um filme de justeza e perfeição técnica, vindo com êle confirmar os seus créditos de realizador consciencioso e competente, cuja carreira vem dos tempos já distantes de Mack Sennett, de cujos filmes foi montador, depois de ter sido operador nos tempos heróicos do Cinema. Roy Webb, o director musical contribuiu, com a feliz inspiração das suas partituras para o magnífico resultado final. Da mesma forma os operadores Russell Metty e Vernon L. Walker, êste último responsável pelos «efeitos especiais», serviram o filme com uma belíssima fotografia.

Não fica por aqui a lista dos colaboradores de «A Girl, a Guy and Gob». O cuidado de Harold chegou ao ponto de pedir a colaboração do lutador Sammy Stein e de Richard Talmadge, o sempre lembrado «Ricardito», para fazerem algumas demonstrações de luta livre e Lucille Ball que no filme se vê na contingência de aplicar a tempo alguns golpes na pessoa de Edmund O'Brien. Também para uma seqüência em que tem grande importância uma sessão de tatuagem, não recuou em chamar uma autoridade no assunto, Juan de Léon, que há vinte anos, na pele do próximo, desenha e inscreve tatuagens complicadas e misteriosas...

O argumento de «A Girl a Guy and a Gob»

Seria de mau gôsto tirarmos aos nossos leitores o sabor de novidade, de imprevisto, de interêsse, enfim, que o filme, causará quando o virem na tela, publicando o argumento desta nova comédia que a RKO-Radio Filmes vai apresentar. Por isso, em sua exclusiva intenção resolvemos resistir a essa tentação, que nos impelia a contar o que se passa na história de «A Girl, a Guy and a Gob».

Dir-lhe-emos apenas que tudo gira à volta dum triângulo de personagens cujos vértices são ocupados por uma rapariga irresistível, dactilógrafa de seu ofício, que está noiva de um marinheiro; êste marujo, que se impôs a si próprio arranjar, o mais ràpidamente possível, o dinheiro suficiente para comprar uma aliança e a indispensável licença de casamento; e por fim o patrão da pequena, um jovem muito digno e muito «snob» que procura ajudar os namorados na sua natural aspiração, mas que tudo complica, pois passa a ficar também apaixonado pela noiva do outro...

Estes três personagens são, como não será difícil de calcular, vítimas das situações mais picarescas, dos acontecimentos mais imprevistos que é possível conceber. Todo o filme decorre num ambiente de boa disposição, de movimentada alegria, de ligeireza e de graça esfusiante em que se reconhece à légua, o dedo avisado e experiente do homem que foi, sem dúvida, o primeiro cómico optimista do Cinema!

Os intérpretes

Das prendas que mais devem ter sensibilizado a insinuante Lucille Ball por ocasião do seu casamento com o actor Dezi Arnaz há pouco realizado, foi por certo a escolha do seu nome para a primeira produção de Harold Lloyd e o novo contrato com que a RKO-Radio Filmes lhe permitiu que ascendesse à tão desejada catego-

(Conclui na pág. 18)



Richard Talmadge demonstra a Lucille Ball como deve defender-se de Edmund O'Brien. O director Richard Wallace assiste à demonstração. Trata-se dum «gag» para o filme produzido por Harold Lloyd para a RKO-Radio

A HISTÓRIA DE

ROBERT DARÈNE

E DA SUA BARBA ROMANTICA

contada por SUZANNE CHANTAL

O intérprete de «Brazza» irá interpretar «A Selva» de Ferreira de Castro?



As fotos que ilustram êste artigo representam Darène na vida real, e em duas melhores das suas interpretações

Aí por alturas de 1933, havia na Faculdade de Direito da Universidade de Paris dois estudantes que não pensavam nada em seguir a carreira de advogados. O enfadonho estudo do Código, faziam-no apenas para satisfazer as exigências de famílias burguesas, que aspiravam para êles uma situação sólida. Mas ambos — um era alto, de traços bem marcados, tipo atlético, o outro esbelto e loiro, de rôsto delicado — ambos tinham um sonho diferente: entrar para o teatro. Ambos o conseguiram, por caminhos diferentes, e do teatro vieram para o cinema. Um, era Bernard Lancret; o outro, Roberto Darène.



Entre os estudos de Direito e a carreira teatral, Darène, cuja moça experiência (Darène tem vinte e sete anos) já se enriqueceu de múltiplas experiências, entrou para o Exército e ganhou em Saumur os seus galões de oficial. Mas o seu gôsto pelo teatro cada vez se tornava mais intenso, e não tardou em trocar a Escola de Cavalaria pelo Conservatório, onde foi ouvinte do curso de Jouvet.

Mas Robert Darène não foi feito para permanecer durante muito tempo na sombra dum mestre, ainda que êle tenha a autoridade dum Jouvet. Quis êle próprio organizar os seus espectáculos, ter uma companhia, escolher os seus papéis e tentar a encenação. Estreou-se num clube mundano, muito elegante, «Le Gardénia», a única sala de Paris onde não se podia entrar sem trajo de noite, e aí montou uma peça de Eugene O'Neil, «Atlantic Queen», em que François Périer representou um dos seus primeiros autênticos papéis e em que Michèle Morgan apareceu no palco pela primeira e única vez.

Êste primeiro êxito animou-o a montar mais espectáculos, no «Théatre des Deux Masques». Abordando destemidamente a encenação, montou e interpretou «Les Marrons du Feu», em duas versões, uma de comédia e outra de ópera-cómica. Possuía dinamismo, inventiva, a bela chama da mocidade — e a fé. Granjeou amigos, colheu algum renome,



pouco dinheiro, e experimentou o «écran» com algumas silhuetas fugidias de oficial de marinha. A sua sorte decidiu-se com o filme «Nord Atlantique».

Maurice Cloche queria entregar a Alexandre Rignault um papel de brutamontes, que, no decorrer do filme, deveria brigar sucessivamente com Albert Préjean, Pierre Renoir e René Dary. Mas Rignault não estava livre. Alguém propôs Darène para o papel. Cloche achou o rapaz simpático, talentoso, cheio de recursos. Mas o seu físico não era de forma alguma o da personagem: o seu rosto aberto, os seus olhos claros, a sua bôca terna contrastando com o perfil másculo... não era, de forma alguma, o que precisava. Apesar de tudo quis tentar a sorte, e aconselhou Darène a deixar crescer a barba. Ficaria, sem dúvida com um ar mais rude... Mas quanto mais a barba crescia, mais romântica e suave se tornava a fisionomia de Darène, mais se afastava da personagem. Foi preciso, para conseguir umas feições aproximadas de lobo de mar, arrancar tufos de pêlos aqui e ali e escortinhar de onde em vez para tornar hirsuta uma barba excessivamente sedosa. As filmagens demoraram bastante, e durante todo esse tempo Darène andou barbudo. Foi assim que encontrou Gérard Landry, que preparava então *Les Vacances d'Apollon*. Achar que êle tinha uma cabeça à Alfred de Musset e oferecer-lhe o papel do poeta, foi obra dum momento. Dessa vez, Darène tingiu a barba, talhou-a cuidadosamente, e para arrebicar ainda a personagem, ondulou os cabelos... Ficou assim com um ar pouco banal, que lhe valia todos os dias certo êxito, à hora do aperitivo, no Colisée. Por vezes, Darène sentia-se pouco à vontade com aquele físico um tanto romântico demais que se ajustava bastante mal ao seu temperamento de rapaz desportivo, directo e até atrevido em todos os campos... incluindo o sentimental. As mulheres a quem tinha vontade de fazer a côrte esperavam de Darène sentimentalismos tão fora de moda como a sua barba, mas que não estavam de forma alguma no seu feitio... Por isso, Darène ambicionava reencontrar depressa um tipo mais moderno, quando um amigo lhe mostrou um dia um retrato de Brazza. Verificou que se parecia como um irmão gémeo com o jovem explorador, que também usava barba — cuja bela figura, justamente, Poirier se preparava para levar ao *écran*. Darène viu a oportunidade. Insistiu para obter uma entrevista com Poirier, que ficou estupefacto ao ver entrar um belo dia na sua casa o verdadeiro herói do seu novo filme — Brazza ressuscitado! Se bem que já tivesse contratado um actor para o papel, tudo foi modificado imediatamente, e algumas semanas mais tarde Robert Darène partia para o Gabão.

Três meses de África Equatorial, os rios desconhecidos navegados em piroga, a floresta, a febre... E o papel de Brazza exigia que andasse sem capacete, que tivesse tôdas as audácias... Três meses perigosos, impressionantes, inesquecíveis! Darène vê já a sua carreira assegurada. Mas, ao regressar à Europa, encontra a guerra iminente. Dois meses mais tarde, é oficial. Em Junho, está em Dunquerque. Com sessenta homens, cercado pelo inimigo, tenta uma sortida e consegue escapar ao cativeiro. Inglaterra... depois Marrocos... depois a ociosidade cruel dos meses que se seguiram ao armistício. Darène compreen-

(Continua na página 18)

Deanna Durbin já casou!

Deanna Durbin casou-se! «Animatógrafo» publica a primeira fotografia ao lado de seu marido, Vaughn Paul, ex-assistente de operador e hoje produtor associado da Universal. No filme «Traquina Querida», com Gloria Jean, Vaughn Paul figurava já na categoria de produtor associado.

De Hollywood, dizem-nos que a festa do casamento foi brilhante, esplendorosa, comparecendo a ela muitos artistas de cinema e o pessoal menor dos estúdios da Universal, entre o qual Deanna Durbin conta grandes simpatias.



Deanna deixou de ser «A noiva do mundo».

Parabens à insinuante estrêla que, esta semana, vamos admirar na tela do Odéon e Palácio, na sua melhor comédia: «Data Memorável».

NOTICIAS DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA dirige

BEATRIZ COSTA

no filme «A PORTUGUESINHA»

✶ Fernando de Barros e Aquilino filmam «Mar Morto» ★ Outra actriz portuguesa vai tentar Hollywood ✶ O esfôrço cinematográfico brasileiro.

Notícias chegadas do Brasil dizem-nos que Chianca de Garcia começou o seu terceiro filme feito além-mar e que se intitula: «A Portuguesinha». O argumento é da sua autoria, embora feito em colaboração com Tomaz Ribeiro Colaço e o humorista brasileiro Luiz Peixoto.

Beatriz Costa, que triunfa na Urca como uma grande, uma autêntica vedeta, é a protagonista. Secunda-a Dircinha Baptista, a vedeta máxima do «music-hall» brasileiro



Quanto à música, sabemos que ela será escrita pelo maestro Raúl Portela e executada pelos músicos de Dircinha.

Chianca de Garcia escolheu Aquilino Mendes para seu operador e Fernando de Barros para seu assistente.

Ao mesmo tempo, sabemos que Aquilino filmou «Mar Morto», produção dirigida artìsticamente por Jorge Amado e tècnicamente por Fernando de Barros.

Neste filme, cooperaram vários e importantes elementos americanos.

Outra informação diz-nos que a actriz Aurora Miranda, irmã da portuguesíssima Carmen Miranda (Carmen nasceu em Marco de Canavezes, como ela própria revelou ao desenhador Tom), foi para Hollywood, a fim de prestar provas nos estúdios da Metro Goldwyn Mayer.

Estas são as notícias, as gratas novidades de Além-Atlântico.

Por elas se verifica que o Cinema brasileiro adquiriu um potencial excelente e que os nossos compatriotas assentaram arraiais e tornaram-se queridos no meio cinematográfico do magnífico país do ultramar.

Mas a grande notícia é, sem dúvida alguma, a actividade de Chianca de Garcia, de quem ainda há pouco noticiámos a estreia de «Vinte e quatro horas de sonho».

Aqui para nós, o «sonho» é uma deliciosa realidade.

Parabéns, Chianca!

CINEMA DE AMADORES

...E o momento chegará

Não temos por hábito gastar cêra com ruins defuntos. Em cada uma das nossas páginas reflecte-se sempre a intenção que desde a primeira crónica nos norteou: colocar a cinematografia de amadores, no nosso país, numa posição de destaque.

Não tem sido fácil esta nossa tarefa, pois encontrámos inúmeras dificuldades no trajecto que empreendemos. Não atingimos ainda o seu final, mas esperamos poder um dia dar por compensados todos os trabalhos sofridos.

Temos encontrado, é certo, boa vontade e entusiasmo mas embora não seja amável, devo no entanto frisar que isso tudo, embora parecendo meio caminho andado, é todavia bem pouco.

Por vezes, há quem não concorde connosco, achamos razoável, mas também há os que nos consideram sonhadores porque acreditamos na possibilidade de um dia se alcançar com a cinematografia de amador algo que nunca dela se esperou. E por estarmos confiantes nas suas vastíssimas possibilidades prosseguiremos na labuta, não embriagados por um lindo sonho mas crentes de que do nosso lado se encontram todos os amadores portugueses.

Nada lucramos com êste esfôrço, apenas possuiremos mais tarde para consôlo o facto de termos tido sempre presente em nosso espírito a certeza de que um dia se alcançaria o justo lugar.

Existiu durante anos, à volta de qualquer iniciativa cinematográfica, quer de profissional quer de amador, uma auréola de desconfiança.

Hoje, a bem de todos, já se olha com mais carinho e com mais confiança o movimento de profissionais de cinema. Há quási a certeza de que os seus esfôrços, mais tarde, ou mais cedo serão coroados de êxito. Verifica-se uma alteração profunda na maneira de pensar de muita gente e isto é devido aos processos honestos que se têm empregado e que tendem a provar ser uma necessidade urgente a existência regular duma indústria cinematográfica em Portugal.

Os amadores de cinema são os primeiros a dar todo o seu incontestável apoio às iniciativas dos profissionais portugueses. Não o dizem pùblicamente não o declaram em cartas, mas sentem-no e exibem-no apenas no interêsse com que lêem as notícias àcêrca da actividade cinematográfica nacional e na prontidão com que acorrem às bilheteiras dos cinemas quando se apresenta um filme português.

E compreendem-nos melhor que qualquer outro espectador e perdôam faltas, que vêem, pelas dificuldades que encontram na realização dos seus filmes simples.

Esperam com ansiedade a organização duma indústria nacional de cinema e confiam em que a sua hora chegará.

Não se deve pois ligar menos importância aos amadores de cinema pelo facto de o serem. Se têm andado enganados no caminho, a culpa não é dêles, deve-se a uma incompreensão inicial.

«Animatógrafo», compreendendo os seus desejos, dedica-lhes, sempre que é possível, esta página onde se procurou e se procurará zelar pelos bons resultados duma cinematografia que tem um dever a cumprir: divertir e educar. Indo além do que a nossa posição permite invidaremos os nossos esforços no sentido de se organizar um Cine-Clube Português que sabemos ser o desejo máximo dos amadores de Portugal.

É evidente que a tarefa não se apresenta fácil mas esperamos realizá-la inteiramente.

Até lá, apesar dos momentos incertos que decorrem, continuem a trabalhar nos vossos filmes e esperem confiantes de que o vosso momento chegará.

JOÃO MENDES

Iniciaram-se as filmagens de «BEIRA-MAR...»

Produção de Jaime Valverde para a S. F. A.

Os nortenhos são incansáveis. A actividade dos seus amadores é notória. Depois da ADA Filmes, surge a oportunidade de falar sôbre a S. F. A. (Sociedade de Filmes de Amadores), outro curioso agrupamento de amadores portuenses..



Um conjunto formosíssimo que nos dá o ambiente em que decorre a acção de «Beira--Mar...»

A S. F. A. é a sociedade portuense de amadores de que mais se tem falado.

Quem assistiu ao *corso* do Carnaval de 1939 não se deve ter esquecido do carro da S. F. A. A jovialidade dos seus ocupantes e a originalidade da sua ornamentação não passou despercebida.

A descomunal câmara de filmes que tanto trabalho deu a *montar* no «chassis» do automóvel atraíu a atenção de muita gente. Cremos ter sido a primeira e única vez que amadores de cinema se arrojaram a aparecer num *côrso* com um carro ornamentado.

Mas não ficam por aqui os trabalhos dos sócios da S. F. A.

Cinco rapazes... um clube

Em 5 de Novembro de 1938, cinco rapazes organizaram a Sociedade de Filmes de Amadores, preparando as filmagens duma produção intitulada «A Morte e a Vida», filme modesto mas sério, cuja primeira volta de manivela se deu em Dezembro dêsse ano.

Gustavo de Sousa dirigia enquanto Manuel Ferraz era o responsável pela fotografia. Da equipa faziam parte Américo Correia, José Borrêgo Júnior e Jaime Valverde.

O filme, que era mudo, tinha no entanto um comentário musical da autoria de António de Rezende Dias.

Êste filme, que chegou a ser concluído, não foi, por razões várias, apresentado em público.

Mais tarde, Manuel Ferraz produz para a S. F. A. uma série de documentários intitulados «Retalhos da Vida».

Depois de uns tempos incertos para aquela agremiação, podemos informar que a S. F. A. está a produzir um documentário da vida dos pescadores da linda praia da Águeda.

«Beira Mar...», um filme realista

Jaime Valverde, futuro advogado, é um apaixonado por cinema de amadores e um dos principais elementos da S. F. A. a que tem dedicado grande esfôrço. Águeda, a *sua praia* como êle lhe chama, interessou-o sempre. Agora que se tornou possível a realização do seu projecto êle está de parabens.

Águeda, de facto, com os seus pescadores, de vida húmilima, oferece assunto para um grande filme. Mas a advocacia é o seu futuro e Jaime Valverde tem de completar os seus estudos em Coimbra, onde se encontra. Antes de partir, entregou completa a planificação do filme com a descriminação de todos os planos, roteiros e outros elementos para absoluta elucidação das pessoas encarregadas da execução do filme. Retido no Norte durante mais uns dias, aproveitou-os e dirigiu parte do filme.



Através das rêdes, a objectiva fixou um pormenor da vida dum pescador.

As fotografias que publicamos nesta página são planos que Jaime Valverde dirigiu para «Beira Mar...»

Gustavo de Sousa é o encarregado, na ausência do realizador, de dirigir todo o filme e Manuel Ferraz mais uma vez actuará à máquina.

Esta produção é impressionada em película no formato de 9,5 m/m.

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

O novo filme de grande metragem de MAX FLEISHER

Os filmes de desenhos animados de grande metragem continuam a interessar os produtores da especialidade. Walt Disney, a quem se deve, com a sua «Branca de Neve e os Sete Anões» essa audaciosa innovação, depois de ter feito «Pinocchio» e «Fantasia», está neste momento procedendo à realização, como «Animatógrafo» teve já oportunidade de se referir, de «The Reluctant Dragon».

Por sua vez, Max Fleisher, o autor de Betty Boop e de Tony Tinta, de Olive e de Popeye, cujo primeiro filme de grande metragem «As Aventuras de Gulliver» foi já esta época apresentado entre nós, está também realizando um novo filme com as características de importância daquele. Intitula-se êle *Mr. Bug Goes to Town* e é também fotografado em technicolor.

A 1.ª fita americana de SIGNE HASSO, vedeta sueca

Quando a RKO-Radio contratou a actriz francesa Michèle Morgan, chamou também a trabalhar nos seus estúdios uma outra artista europeia, que embora pouco conhecida gozava na sua terra, Suécia, uma popularidade bastante apreciável, a que só a pouca expansão do actual Cinema nórdico não permitira a justa repercussão do seu nome na europa ocidental.

Michèle Morgan está já, como se sabe, trabalhando no seu primeiro filme americano, «Joan of Paris». Por sua vez a jovem compatriota de Greta Garbo vai também fazer a sua estreia nos es- Takes a Wife, que, como noticiámos a semana passada, é também interpretado por Adolphe Menjou e Anne Shirley. James Ellison, que temos visto em vários filmes de Ginger Rogers e o actor sul-americano Alberto Vila fazem também parte da distribuição de «O Papá vai Casar».

COISAS INDISCRETAS

UM ROMANCE que chegou ao fim: NORMA-RAFT

O tão discutido e falado romance-folhetim Norma Shearer-George- Raft, depois das estranhas vissicitudes porque passara ùltimamente, chegou ao fim, é já um caso arrumado.

De facto, Norma e Raft, que até há poucos meses nunca deixaram de aparecer sempre juntos em tôda a parte, não voltaram a ser vistos com a mesma freqüência de outrora. Ainda mais. George Raft passou a andar de braço dado com Virginia Peine, a sua ex-«girl-friend», que êle, cegamente trocou por Norma, certo dia, numa viagem transatlântica do Normandie...

Depois de Tyrone Power, de César Romero, de James Stewart, de George Raft, quem fará de novo pulsar o coração sensível e apaixonado de Norma Shearer?

BINNIE BARNES a simpática

Binnie Barnes, simpática actriz inglesa que temos visto em tantos filmes americanos, uniu os seus destinos aos de Myke Frankovitch, popular homem de sport, e filho adoptivo de Joe E. Brown, em casa de quem se realizou a cerimónia.

● A espôsa da «Família Blondie», Penny Singleton, que há poucos meses se divorciara do seu primeiro marido, casou agora com Robert Sparks, um nome estranho ao meio cinematográfico.

● Robert Preston, o novo galã da Paramount que vimos já em «Aliança de Aço», e agora em «Os Sete Cavaleiros da Vitória», é o marido de Kay Feltus uma modesta actriz de teatro.

● Inesperadamente, Bette Davis casou-se há poucos dias com o milionário de Boston Arthur Farnsworth. Parece que a esta resolução não foi estranho o facto de George Brent ter anunciado o seu próximo casamento com Ann Sheridan. Bette é divorciada de Harmon Nelson.

● Uma notícia de interêsse para os admiradores de Ilona Massey: a vedeta de «Balalaika» acaba de se ligar, pelos laços sagrados do matrimónio a Alan Curtis, um actor «descoberto» por Joan Crawford.

Os últimos casamentos

Steffi Dunna, a simpática estrêla húngara que «Cucaracha» popularizou, cosau há pouco com Dennis O'Keefe, um actor que apareceu em vários filmes da Metro Goldwyn Mayer, e no Odéon, em «O Pai da Criança». Para tal, foi preciso que Steffi se divorciasse de John Carroll, um actor, amigo íntimo de Dennis, que por sua vez se divorciou de Louise Stanley.

● Lupe Velez, a endiabrada mexicana ,divorciada há cêrca de um ano de Johnny Weissmuller —era considerado o casal mais zaragateiro de Hollywood, bem mais ainda que os esposos Errol Flynn Lily Damita — casou-se com Gwyn Big Boy Williams, um actor que costuma fazer papéis ora de polícia ora de bandido...

Espera-se que em face da prática adquirida nos filmes, consiga amansar, de vez, a sua nova espôsa...

A CEGONHA passou por HOLLYWOOD

Andrea Leeds a adorável intérprete da «Revista de Goldwyn» e do «Coração dum Trovador» acaba de presentear seu marido, Robert Howard, rico proprietário, com um rechonchudo pimpolho. Tinham casado em 25 de Outubro de 1939.

● Frank Capra sente-se neste momento duplamente feliz: pelo êxito extraordinário do seu último filme «Meet John Doe» e pelo lindíssimo presente que sua mulher lhe ofereceu — um formoso Caprasinho.

● Mais um outro novo habitante conta agora Hollywood — o filhinho do casal Lloyd Nolan.

DIVÓRCIOS e mais divórcios

Francis Lederer que era desde 16 de Outubro de 1937 o marido da mexicana Margo, uma das intérpretes de «Horizontes Perdidos», de Capra, acaba de se divorciar. Ela segundo consta casará em breve com o categorizado «scenarista» Barry Trivers, e Lederer deve consorciar-se tão depressa quanto possível com a jovem canadiana Marion Irvine.

● Laraine Day, a insubstituível noiva do Dr. Kildaire nos filmes da série famosa, obteve em Reno, onde os divórcios se conseguem em meia dúzia de horas, a sua separação do delegado do ministério público dos tribunais de Los Angeles, Louis Blau.

● Herbert Marshall, depois de onze anos de matrimónio, interrompido apenas por uma separação de alguns meses de sua mulher, a que não foi alheia a interferência de Gloria Swanson, obteve agora o divórcio de Edna Best, actriz do cinema inglês, que o casamento afastou dos estúdios. Ambos eram casados pela segunda vez. Têm uma filha, nascida em 1933.

Novos ROMANCES

Alice Faye, que até há pouco tinha em Sandy Cummings o seu inseparável companheiro, é agora vista, muito entusiasmada, com Charles Wrightson, proprietário de numerosos poços de petróleo, no Texas.

● Depois do seu divórcio de Louise Rainer, o dramaturgo Clifford Odets anda apaixonado por Fay Wray, grande vedeta de há meia dúzia de anos.

● Laraine Day parece que com o intuito de ràpidamente esquecer a sua anterior experiência matrimonial, é vista com significativa freqüência na companhia de Robert Sterling, o que segundo se diz não agrada nada a Syd Guilharoff, mestre cabeleireiro dos estúdios da M. G. M.

● Franchot Tone parece ter esquecido já Silvia Sidney, pois não larga agora Carolle Landis, que vimos em «1000 anos antes de Cristo» e em «Doidos à Sôlta». No entanto Carolle deve ter muito cuidado com Vivien Mason e Barbara Moffett, uma rica herdeira.

● A corista Dolly Thorn e Lois Ransom filha do opulento Harry Sugarman já hoje não significam nada no coração de Mickey Rooney. Linda Darnell, que acaba de completar dezassete anos, é a actual loucura do simpático Mickey. No teatro, nos restaurantes, nas «parties» são vistos sempre juntinhos. Por sua causa, diz-se, deixou ela o noivo que tinha no Texas.

● Depois de ter deixado o Conde Cassini, Betty Grable acompanhou a Nova York Victor Mature um dos intérpretes de «Doidos à Sôlta». No entanto parece que a paixão séria da ex-esposa de Jackie Coogan continua a ser o agente artístico Vic Orsatti.

● Simone Simon parece que em face da atitude que para com ela tomou Constance Bennett «deixou cair» o assunto Gilbert Roland. Raymond Hakim, produtor francês agora em Hollywood, é o seu companheiro de todos os momentos.

● Mischa Auer, há pouco divorciado de Norma Tillman, divide presentemente a sua simpatia por Barbara Elliot e pela mexicana Mary Montez.

● Orson Wells, produtor, realizador e actor, logo que o divórcio de Dolores Del Rio e Cedric Gibbons seja proclamado, casará com Dolores.

● Depois de ter tido no realizador Anatol Litvak, ex-marido de Miriam Hopkins um dos seus mais sérios apaixonados, Nancy Kelly, a jovem vedeta da Fox, anunciou estar noiva de Edmund O'Brien, o galã de «Nossa Senhora de Paris».

● Cesar Romero, um dos mais famigerados Don Juan de Hollywood, e Patricia Morison, a lindíssima morena, não se largam um ao outro. Há quem fale num próximo casamento.

● Afinal a notícia de que o romance Eleanor Powell-Merry Pye tinha chegado à última página era, ao que se vê, boato falso, pois continuam os dois em «ponto de rebuçado».

● Kenny Baker, o cantor da «Revista de Goldwyn» e de «Andam canções no ar» anda muito entretido dedicando canções. género napolitano, a Dorothea Kent, uma rapariga de se lhe tirar o chapéu.

PRESENTES de Hollywood

Por ocasião do seu quarto aniversário matrimonial, Dick Powell ofereceu a Joan Blondel uns riquíssimos brincos de brilhantes.

● Diana Lewis, a gentil espôsa de William Powell, recebeu dêste, no dia do seu aniversário, um lindo anel com um brilhante gigante, quatro esmeraldas e 32 grandes diamantes.

● Franchot Tone ofereceu uma valiosa pulseira a três raparigas da sua amizade. Não deixa de ser curioso saber-se que as três pulseiras eram perfeitamente iguais...

● Rosalind Russel ofertou a Freddie Brisson, um dos seus mais sérios apaixonados, um luxuosíssimo automóvel Cadillac.

«Correspondente de Guerra»

Um grande filme de ALFRED HITCHCOCK

Damos hoje uma grata notícia aos nossos leitores: ainda veremos esta semana «Correspondente de guerra», considerado pela Academia Americana como um dos dez melhores filmes .

Devemos salientar que Walter Wanger concentrara os seus esforços para produzir duas grandes produções. Uma delas é «Correspondente de guerra» (Foreign Correspondent).

O filme exalta a cavaleiro andante do nosso tempo: o correspondente de guerra que, através de mil perigos, procura informar o público, transmitindo-lhe fidelíssimos relatos de acontecimentos famosos, desde a catástrofe do «Zeppelin» Hindenburgo, em Lakehurst, ao assassínio do rei Alexandre da Jugoslávia, nas ruas de Marselha, em Outubro de 1934.

Dirigido pelo realizador de «Rebecca», o filme reveste-se dum realismo por vezes impressionante, como numa cena magistral que representa a queda dum avião e em que a câmara de filmar vai dentro do aparelho até êste se despedaçar no mar.

«Correspondente de guerra», que relata, por assim dizer, vidas e momentos célebres dos grandes jornalistas modernos como Leland Stone, Knickerbocker, Karl von Wiegand, Robert Casey, Webb Miller, Dan de Luce e outros, reúne um punhado de excelentes artistas. A distribuïção é a seguinte:

Johnny Jones — Joel Mc Crea
Carol Fisher — Laraine Day
Seu pai — Herbert Marshall
Folliott — George Sanders
Van Meer — Albert Basserman
Stebbins — Robert Benchley
Rowley — Edmund Gwenn
Mr. Powers — Harry Davenport
Krug — Eduardo Cianelli
Doreen — Barbara Pepper
Latvian — Eddie Conrad
Tramp — Martin Kosleck

Para completa elucidação do leitor que sabe e gosta de conhecer os nomes dos grandes valores do Cinema mundial, damos a seguir a lista do elenco técnico que permitiu a realização dum filme tão extraordinário e empolgante como «Correspondente de guerra»:

Produtor — Walter Wanger
Realizador — Alfred Hitchcock
Argumento — Charles Bennet e Joan Harrison
Diálogo — James Hilton e Roberts Benchley
Assistente do realizador — Edmond Bernoud
Operador — Rudy Mate
Efeitos especiais — Ray Binger
Cenas europeias — Osmond Borradaile
Assistente de efeitos especiais — Lee Zavitz
Director artístico — Alexander Golitzen
Partitura e direcção musical — Alfred Newman
Editor — Dorothy Spencer
Gravação de som — Frank Maher
Montagem — Walter Reynolds
Efeitos especiais de montagem — Louis Leffler

«Correspondente de guerra» — uma das dez melhores produções do ano — será apresentado entre nós pela Sonoro-Filme, no S. Luiz.



Uma cena estranha com Joel Mc Crea



O famoso e moreno produtor Rod Chiken, no intuito de impulsionar ainda mais o cinema, acaba de pôr em prática mais uma grande medida na firma que dirige. O pessoal técnico e auxiliar dessa emprêsa foi todo aumentado, no tempo de trabalho. Rod Chiken criou o ano só com um semestre e durante aquele período o pessoal receberá dividido em seis partes o ordenado de dois meses. Com êste processo, aquele produtor garante assim ao seu pessoal 6 meses de trabalhos com ordenados baratos, a preços de cinema, a fim de assegurar a continuïdade não se sabe bem de quê. Nos outros seis meses há a certeza de que nenhum técnico morrerá pela simples razão de que não lhe sobrou dinheiro para o entêrro.

Consta que, também por sugestão de Rod Chiken, o pessoal vai treinar-se com as giboias e os camelos, a fim de poder viver nos últimos seis meses com aquilo que comeu nos primeiros seis. Entre o pessoal contratado pela «Unique Studios & Malveira Ltd.» vai ser aberta uma subscrição para comprar uma estatueta de arte para oferecer a Rod Chicken, como prova de gratidão. Só se não sabe ainda a posição em que deverá ser representada a referida estatueta.

— Ampliando a notícia que démos no último número acêrca do maestro James Silver Son ter sido devidido ao meio a fim de dirigir simultâneamente a adaptação musical de dois filmes, podemos acrescentar que, depois de ter sido dividido, ainda sobrou um bom bocado de músico para um terceiro filme.

O HOMEM SOMBRA

CARTAS DUM CINÉFILO

Director de primeira água:

Fui ao Coliseu dos Recreios e verifiquei que um empresário arrojado e inteligente, lutando contra os proprietários dos bufetes e as iras do «Ridículos», aboliu um intervalo. Grande exemplo o dêste empresário, que assim se coloca ao lado dos seus melhores colegas da Europa e da América. Aquilo é que é mostrar desejo de bem servir o público e o bom cinema. Mas o que é necessário é dizer ao empresário do cinema que está errado. É que êle enganou-se em lugar de suprimir o segundo intervalo suprimiu o primeiro!

Gostei do artigo que o «Animatógrafo» publicou sôbre a nova fita do sr. Leitão de Barros «Ala Arriba». É mesmo assim. O mar é um grande motivo para os nossos realizadores. O mar é português porque através delas ganhamos um império. Isto é muitíssimo histórico. Portanto os nossos realizadores deviam tentar explorar mais aquele assunto. É preciso, pois, incitar os realizadores portugueses a atirarem-se ao mar e de cabeça e em sítios onde não possam ser socorridos fàcilmente.

O sr. Leitão de Barros já mais de uma vez tentou êste assunto; agora surge o sr. Armando Miranda que depois do «Pão Nosso» vai fazer um novo filme sôbre outro comestível, o «Atum», que como é do domínio público nasce no mar e só depois da maior idade é que passa a viver em latas. O sr. Chianca de Garcia também já foi tentado pelo mar e atravessou-o, e o mar tem tanta influência nos portugueses e no nosso cinema que o sr. Fernando de Barros saiu de Lisboa caracterizado e só por o ter atravessado chegou ao Brasil realizador. Ao que parece, porém, êste senhor é só realizador de metade do Brasil para cima. Na parte do sul continua a ser caracterizador.

Estou firmemente decidido, como já lhe disse na minha última carta, a desfazer-me da acção que possuo da «Tobis Portuguesa». Bem sei que me desfaço de um dos laços que mais me unia ao nosso cinema, mas deixá-lo. Já ofereci a acção a várias pessoas mas até agora não encontrei ninguém que a aceitasse. Olham para o papel riem-se e julgam que aquilo é o reclame duma nova fita. Diga no seu jornal que eu cêdo uma acção da «Tobis Portuguesa» em boas condições, pode ser que alguém queira.

Sem outros assuntos seu dedicado

Ignácio da Purificação

A FEIRA DAS FITAS

«OS SETE CAVALEIROS DA VITÓRIA»

(Northwest Mounted Police)

Se «Kit Carson» nos lembrou, pelo seu ritmo sério e compassado, os livros de Fenimore Cooper, «Os Sete Cavaleiros da Vitória» (lindo e sugestivo título, por sinal) lembra-nos os romances mais folhetinescos, mas não menos empolgantes, de Gustave Aimard. Como Alves de Azevedo, não podemos negar que o Cinema é próximo parente da literatura; e tal como Silva Brandão na «Página dos Novos» dêste número, entendemos que um filme «tem de ser como um livro fácil de ler e de entender». Essa verdade primordial, tantas vezes esquecida pelos esotéricos adoradores do ângulo exquisito e do Cinema de atrapalhar, nunca a esquecem os realizadores da boa escola e da rija têmpera de Cecil B. de Mille, pioneiro autêntico que encontrou na aventura de grande estilo o terreno mais favorável à manifestação das suas extraordinárias qualidades de encenador de espectáculos filmicos.

O enfático realizador do «Sinal da Cruz» e de «Cleópatra» perdeu o que mais o prejudicava: o amor ao grandíloquo balofo, à história de *carton-pâte*, à prègação solene de parábolas bíblicas; e guardou o melhor do que fez dêle um dos primeiros mestres da cinematografia: a forma eminentemente dinâmica de contar, em imagens explícitas e belas, histórias rudes e apaixonantes.

«A Marca de Fogo» (a celebérrima «Forfaiture», com Sessue Hayakawa e Fanny Ward), com «The Birth of a Nation», espécie de «Gone with the wind» *avant la lettre*, marcaram exactamente por essa clara rudeza que havia de ser a mais formal e apreciável característica do bom cinema americano. Depois de «Uma Aventura de Buffalo Bill», passando pelo «Corsário Lafitte», pela «Aliança de Aço», até êste soberbo «Os Sete Cavaleiros da Vitória», Cecil De Mille recuperou o seu antigo e altíssimo lugar, dando-nos espectáculos admiráveis e de agrado seguro. E talvez em nenhum como neste a preocupação de «qualidade» o tivesse preocupado tanto.

De facto, ao tema era devido particular carinho, pois o argumento do velho Gardner Sullivan, antigo colaborador De Mille (que é fiel aos que sabem servi-lo bem, embora a sua fidelidade a Jennie Mac Pherson o tivesse prejudicado tanto ou mais que a de Fritz Lang a Thea von Harbon) prestava-se à apresentação de imagens cheias de movimento e de colorido. A possibilidade da côr veio trazer exactamente uma contribuïção muito favorável ao conjunto, pela garridice das fardas vermelhas da Polícia Montada do Canadá, que o operador e a montadora Anne Bauchens aproveitaram à maravilha, conjugando-a hàbilmente com o verde fôsco dos pinhais e a lividez dos céus canadianos. Os grandes planos de Gary Cooper e de Madeleine Carrol que transporta os sobreviventes de Forte Sinclair são do mais belo que nos tem dado o Tecnicolor, entre tanta beleza que já nos proporcionou.

Gary Cooper está cada vez maior. Perdoem-nos as cinéfilas se o preferimos no seu antigo ofício de *cow-boy*, e assim como está, mais velho, mais marcado, a aproximar-se cada vez mais da pujança máscula dêsse espantoso herói da gesta americana que foi William Shakespeare Hart. De certo Cecil B. de Mille se lembrou do seu grande amigo Thomas Ince e de Rio Jim, o Homem dos Olhos Claros, ao vê-lo pela primeira vez na sala de projecção particular da Paramount. E nós lembramo-nos também désses «nossos amigos», ídolos da nossa meninice cinéfila, ao vê-lo agora, alto e sóbrio, duma valentia que convence, incarnar a personagem de Dusty River, da Polícia Rural do Texas.

Os cabelos loiros de Madeleine contrastam màgicamente com os cabelos negros de Paulette Goddard, que é hoje, sem dúvida, a mais bela de tôdas as artistas de Cinema. E que talento, que graça de maneiras, que fluência de voz!

Sentimo-nos vaidosamente tão suspeitos ao falar das suas prendas de actriz e de mulher, que nos recusamos a fazer a seu respeito quaisquer referências críticas...

Todos os restantes intérpretes são dos melhores: Preston Forster, Georges Bancroft, Robert Preston, Akim Tamiroff, Montagu Love, Lynne Overman, êste último num inenarrável contrabandista escocês, cioso da borla do seu barrete de lã. A cena dos tiros entre êle e Akim Tamiroff — tìpicamente de-millesca, pois começa em farça e acaba em tragédia — é graciosíssima e representada a primor.

Um grande filme a ver e admirar. — A. L. R.

«GAROTOS NA ALTA SOCIEDADE»

(Little Tough Guys in Society)

Mais um sôco no estômago dos que teimam em considerar o cinema terrível contaminador de maus costumes. Neste filme, os jovens espectadores aprendem os perigos da ociosidade, mesmo quando a riqueza os permite. É a história dum menino ricaço que aprende com seis matulões saídos das alfurjas o valor da vida sã, segundo a regra latina: *mens sana*... A ideia inicial foi bem seguida pelos técnicos e pelos artistas. Mischa Auer tem um papel sem grande brilho. Mas os garotos e a encantadora Helen Parrish, através duma ..cção muito movimentada e muito original, dão à interpretação uma frescura de bom quilate. — R.

«A BOLSA OU A VIDA»

(For Love or Money)

Outra comédia feliz, em que uma ideia simples é bastante para render, graças às artimanhas de bons cenaristas — Charles Grayson e Arthur T. Horman — um filme que interessa do princípio ao fim. A realização de Albert S. Rogell é muito alegre e muito viva, condição essencial em comédias dêste tipo. June Lang e Robert Kent pouco adiantam; mas basta-lhes a correcção habitual dos intérpretes americanos. Mas o minúsculo Etienne Girardot dá-nos uma óptima caricatura no seu J .C. Poindexter. — R.

«ESCANDALOS DE AMOR»

(Fools for Scandal)

Não se pode dizer que tivesse sido muito feliz a primeira viagem de Fernand Gravey a Hollywood. O consórcio First National-Warner Bros teve o cuidado de lhe mudar o apelido para Gravet, a fim de o tornar mais acessível à pronúncia americana, mas não soube aproveitar as suas qualidades excepcionais. Salvo êrro, Gravey interpretou então em Hollywood dois filmes: «O Rei e a Corista», que vimos há anos, e êste que agora foi apresentado em Lisboa. O primeiro especulava uma certa aventura amorosa que pouco antes tivera grande repercussão na história de um importante Estado europeu — e fazia-o com certo picante, tanto mais que Gravey conseguia por vezes sugerir, graças a uma hábil caracterização, a fisionomia do protagonista real da novela («real», de rei — e «real», de realidade...)

«Escândalos de Amor» não tem êsse interêsse... de escândalo. Trata-se de uma comédia-farsa, concebida e encenada em moldes já ultrapassados, e inventada, ou pelo menos adoptada de forma a aproveitar o cenário de Montmartre construído por Anton Grot para o «Tovarich». Nada disto teria importância, porém, se o argumento, e principalmente a concepção e recorte das personagens, não oferecessem tão pouca consistência. Actualmente já não basta arquitectar uma série arbitrária de episódios arbitrários: exige-se credibilidade, justeza de observação, um certo conteúdo de verdade humana, desenho ou, pelo menos, esbôço de caracteres. O artificialismo cansa depressa, nunca é duradoiro o que é falso.

Carole Lombard e Fernand Gravey portam-se como comediantes consumados que são. Coadjuvam-nos Ralph Bellanny, Isabel Jeans e Allen Jenkins. A realização é de Melvyn Le Roy. — D. M.

QUADRO DE HONRA

«A BÔLSA OU A VIDA» (Filmes Alcântara)
— A alegria, o dinamismo da realização de ALBERT S. ROGELL e a originalidade do argumento de DANIEL TARADSHM, JULIAN BLAUSTEIN e BERNARD FEINS.
— A interpretação curiosíssima de ETIENNE GIRARDOT (S. C. Poindexter).

«BALALAIKA» (M. G. M.)
— Por ter atingido a 9.ª semana de exibição, no Eden.

«ESCANDALOS DE AMOR» (S. I. F.)
— As interpretações de CAROLE LOMBARD e FERNAND GRAVEY.
— Alguns «gags» do filme, que revelam imaginação e fantasia.

«GAROTOS NA ALTA SOCIEDADE» (Filmes Alcântara)
— O banho de juventude que nos comunica a interpretação dos seis rapazes da «troupe» célebre de «Dead End»: FRANKIE THOMAS, HAROLD HUBER, DAVID OLIVER, HALLY CHESTER, DAVID GORCEY e HARRIS BEROER, e da deliciosa HELEN PARRISH.
— A cena em que os garotos partem os vidros da fábrica.
— Os cenários de R. A. GAUSMAN, em especial a casa da sr.ª Sweringer.

«OS SETE CAVALEIROS DA VITÓRIA» (Paramount)
— A realização de CECIL B. DE MILLE, pelo vigor e segurança da evocação.
— A montagem de ANNE BAUCHENS considerada a melhor de 1940 pela AMPAS.
— A interpretação de GARY COOPER (Dusty River) e de todos os mais, em especial de LYNNE OVERMAN (Tod, o escocês).

A PÁGINA DOS NOVOS

Os Cinéfilos de ocasião

Para falar todos têm língua! Para escrever, todos têm mão! Mas é raro aquele que se explica de maneira a ser entendido por outrem.

Ao escrever estas linhas que traduzem o que sinto àcêrca do Cinema, reconheço os efeitos dum contentamento que se apossou de mim desde que me chegou aos ouvidos a notícia de que o Cinema Português ia mudar de rumo. Então, exclamei: «Ora ainda bem!»

Para escrever a nossa opinião sôbre o Cinema, é preciso criar ideias, e estas hão-de, pelo menos, dar uma sugestão do que pensamos.

O Cinema tem muito que se lhe diga não só por ser uma indústria, mas também por ser um grande meio instrutivo nos países onde é explorado e cultivado em larga escala.

Sentimos que o Cinema é um divertimento para nós, quando, sentados na platéia, vemos uma comédia; divertimento e, ao mesmo tempo, elemento instrutivo, pois não deixa de ter o seu aspecto de lição para aqueles que o observam com cuidado.

O Cinema, na minha opinião, é uma indústria recreativa e instrutiva, podendo pôr isso, dividir-se em duas classes: a instrutiva e a recreativa simplesmente. Na classe instrutiva e recreativa reúno as grandes comédias, farsas e dramas; na instrutiva pròpriamente dita, os grandes culturais.

Costuma dizer-se que, «cada cabeça, cada sentença». Seja como fôr, o meu parecer é êste.

O Cinema é uma indústria artística, trabalhosa, tendo o seu quê de penoso, mas se todos avaliassem, quando acabam de ver uma película, o trabalho que ela deu não se poriam, com ares de senhores entendidos no assunto, a comentar com rudes gracejos, os artistas e o realizador. E isto acontece principalmente, com as produções portuguesas.

Estas linhas vêm a propósito de certo artigo dum dos mais categorizados realizadores portugueses, publicado no «Animatógrafo», em que se citam aqueles que vão ao cinema apenas para se darem ares de entendidos. Porque, diga-se a verdade, o espectador que vai ao cinema para criticar, perde o seu tempo.

Olho para além do meu pensamento, e vejo que o cinema nacional tem mudado, quási de filme para filme, mas mesmo assim, apesar de ser o que era, não deixava de ter a minha aprovação e a doutras pessoas que como eu, avaliam o esfôrço dum realizador, para conseguir estrear numa sala de espectáculos um filme português. E os filmes nacionais diferençam-se de todos os outros.

Há quem rebaixe o nosso cinema, mas êsses caiam, quási sempre no ridículo.

E quem são essas pessoas que assim pensam?

Sem dúvida os *cinéfilos de ocasião*, **devido** ao facto de irem a um cinema, não para presenciar um filme, mas para admirar as meninas do camarote da frente e armarem em espertos.

CONDE NADO

O cinema tem de ser como um livro fácil de ler e de entender

Num meio cinematográfico como o nosso em que o pouco existente se deve ao esfôrço de meia dúzia de dedicados servidores, parecem-nos úteis as tentativas tendentes a estabelecer no espírito do observador consciente, um critério de orientação definida para o aperfeiçoamento do seu sentido crítico. É freqüente falar-se muito em técnica, abusando-se até de certa terminologia que poderia ser útil se fôsse explicada, mas que impingida como é, só serve para desorientar.

É preciso estimular as qualidades de observação do apreciador, dando-lhe elementos que lhe facilitem o método comparativo. Ninguém melhor do que a crítica, pelo seu contacto directo com o público, pode conseguir essa finalidade.

Se poucos sabem de técnica, muitos possuem tendências naturais de assimilação que, criteriosamente guiadas, podem conduzir, mais tarde, à formação de técnicos competentes.

A certeza de possuir um sentido crítico lúcido, leva a criar-se no espírito a ideia duma tendência, que não só cria o gôsto mas também origina a necessidade de desenvolver essa tendência, profundando pelo estudo os assuntos que a ela se ligam.

Ora, julgamos útil activar o sentido crítico do cinéfilo, e isso nos leva a escrever estas linhas.

Filmes há, que vivem exclusivamente do seu valor técnico, mas não são êsses por certo os que mais perduram, dado não só a evolução constante do cinema, mas também o facto dêsse valor não poder ser apreciado devidamente pelos observadores.

Entendemos, porém, de tôda a vantagem interessar o espectador menos conhecedor da técnica sôbre a forma de se habituar a pensar por si, a emitir a sua opinião, baseando-a sòmente no que o filme representa como obra de ideias e imaginação.

Roberto Nobre diz: «Cinema não é apenas um jôgo de ângulos e de imagens, de ritmos, de truques e de iluminação. Tudo isso são elementos ao serviço duma Arte, como os pincéis e as côres ao serviço dum pintor, a gramática, o vocabulário e a estilística ao serviço dum escritor».

Nós pretendemos exactamente afastar o principiante dêsse jôgo de ângulos e de imagens e guiá-lo para o que a obra significa e representa como ideia.

Podemos de comêço dar um passo sôbre técnica, mas valorizamos por certo a nossa mentalidade crítica.

O cinema, como a música, como a literatura, como tôdas as artes, não vive sòmente das obras primas, mas também das obras subsidiárias.

Elas servem como tema de comparação, como elemento do progresso da arte, como representação da sua vitalidade.

Temos que nos habituar a apreciá-las pelo valor que encerram e a saber distinguir o bom do mau, o óptimo do péssimo, o útil do desnecessário.

O cinema terá de ser para nós como um livro, tanto mais belo quanto mais nos diz, quanto mais conhecimentos dêle tirarmos.

Êsse sentido crítico é a base do cinéfilo consciente.

O vício do cinema pela colecção de filmes ou de autógrafos de artistas, vale só para as bilheteiras.

A paixão do cinema, pelo aperfeiçoamento constante dos nossos conhecimentos sôbre êle produz uma «élite» valiosa para o futuro, para o progresso dessa arte, que será tanto mais bela quanto maior o número de talentos que a ela se dedicarem.

SILVA BRANDÃO

CORREIO DOS NOVOS

OUBLI—Recebi o teu 5.º artigo. Nada de desânimos. Eu não posso publicar tudo o que me aparece aqui. Devo contentar todos, sem melindrar ninguém. Vamos, escreve sempre.

MANECAS — Eia, eia! Desta vez, veio às cabazadas! Vou ler. O que fôr bom, sairá.

MARIA GIL — Cá recebi a «Culpa de nossos pais». Acho conveniente, para teu bem, leres um prontuário de ortografia. É barato e muito útil. Lembro-te também que a principal condição para escrever é a simplicidade.

ESPERANÇOSO — Assina sempre os teus artigos com o pseudónimo. Concordei com a doutrina e vou publicar o artigo a seu tempo. Dei saüdades ao Inácio da Purificação e disse-lhe que na Madeira há muitas raparigas que estão doidas por êle. Linda terra a tua! Linda terra!

M. R. R.—Recebi dois artiguinhos. Assina sempre os artigos com as iniciais, por favor. Vou aproveitar a «Má língua e o Cinema». Escreve quando quiseres; ler-te-ei com prazer.

A. A. S. — O artigo não é mau, todavia peca por um ligeiro pretenciosismo de linguagem que deves evitar de futuro. Segue êste conselho que já vem nos livros de escola: escreve como falas. Quanto à doutrina, concordei. Um abraço.

AURÉLIO DOS SANTOS NUNES — «Cinema!... Estátua de beleza... e Fonte de Alegria...» Que título tão espicolondrífico! Li com atenção e notei que escreves com pretensão quando deves escrever sem ela (pelo menos aparentemente). Tens uma frase muito linda, muito vernácula, que ouso sublinhar: «de tirar um qualquer curso para o tempo de amanhã». Sim, senhor, isto é português de lei. Vês que, se trabalhares, podes ir longe?

Filmes de ambiente Nacional

Uma das secções do «Animatógrafo» que leio com mais interêsse é, sem dúvida, «*Ver, ouvir e falar*», secção assinada por Augusto Fraga.

Um dos assuntos dessa secção versava sôbre o ambiente em que decorrem os filmes nacionais. Com razão escreve o articulista que se não deve sair do ambiente nacional, pois que o público gosta de «sentir-se em casa» entre os tarecos em que foi criado (sic).

Não pretendo travar polémica com o autor do artigo, mas entendo que os nossos «tarecos» não existem só na província. Portugal não é só o Portugal à moda do Minho, Portugal de barrete, de jaleca e chapéu de abas largas

Lisboa também é Portugal e é uma cidade bem portuguesa, de carácter diferente de tôdas as outras capitais do Mundo. Conquanto seja uma capital, Lisboa tem o seu pitoresco, a sua paisagem, a sua graça.

Foi de Lisboa que Eça de Queiroz se serviu para motivo de tantas das suas obras; e Gervásio Lobato escreveu páginas engraçadíssimas focando a vida de Lisboa.

Pede-se ambiente nacional para filmes nacionais!

Pois não se saia de Portugal mas pense-se em Lisboa.

A vida da capital oferece-nos muitos e variados aspectos, que não têm sido focados no cinema. Sendo o cinema um espectáculo que leva a tôda a parte o conhecimento da vida dum povo, os hábitos duma cidade, porque não focar esta Lisboa cuja vida é ainda desconhecida para quem procura no cinema além duma diversão, um espectáculo que o ponha em contacto com um meio que desconhece?

A quem vai ao cinema já lhe é familiar a vida dum pobre novaiorquino, a vida dum empregado, dum operário; já conhece certas ruas, um jardim, o seu cais, etc.

Foquem, pois, a vida de Lisboa, a sua paisagem, o seu folclore (porque também o tem) e assim farão FILMES NACIONAIS DE AMBIENTE BEM NACIONAL.

LUIGI VAMPA

O Correio de "Bel-Tenebroso"

623—TOM *(Pôrto)*—Não consegui perceber se o teu pseudónimo é *Tom* ou *Tony*. Em qualquer caso, optei pelo primeiro, uma vez que há um leitor de Lisboa que adoptou o segundo. — Ignoro as razões do mau estado do filme que citas, tanto mais estranhaveis quanto é certo que êle teve aí no Pôrto a sua estreia em Portugal. É possível que o desastre fôsse causado pelo laboratório.

624 — LEVADO DA BRECA *(Lisboa)*—Dos cinco pseudónimos que propões, escolhi êste. Não sei se estará a carácter...— Obrigado, pelas palavras de simpatia com que distingues a nossa revista. — Também «adorei», como tu dizes, *O primeiro amor de Gata Borralheira*. Aquele Vaugham Paul tem uma sorte...—Esta leitora saúda *Benjamina*, *Luiz XV*, *Deram-lhe uma espingarda* e *Saudade*. — Por mim, agradeço e retribuo «o abraço sincero», com que me distingues.

625—ZÉ FERNANDES *(Serra da Estrêla)*—Recebi o teu retrato. Veio que os ares da Serra te têm feito bem, porque, de facto, estás muito mais alentado. Achei-o pitoresco e saboroso. E cá o tenho, em cima da minha secretária, ao pé do outro do teu compadre, que continua na mesma teimosa postura...—«O que é feito do Alcaide? Já ninguém fala nêle»... O famoso tenor português continua no Brasil, onde tem feito uma magnífica tournée. E queres uma notícia sensacional? Dizem que Tomaz Alcaide se casou com uma senhora brasileira. — Tens ido ao cinema? Espero as tuas impressões de *Balalaika*. Estou certo que a tua Maria delirou com o Nelson Eddy, e que canta a «Balalaika» enquanto varre a casa ou põe o caldo verde ao lume.

626 — JOÃO MANUEL — *(Luanda)*. — Escreve a Norma Shearer para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

627 — SCARLET *(Lisboa)*. — Na realidade, dizes bem: São mais demoradas as minhas respostas do que as da própria Garbo. — As tuas deducões sôbre a minha identidade são pitorescas. Vv. têm graça com a mania de que sabem quem eu sou... — Charles Boyer parece mais novo, na tela, que aliás lhe dá um prestígio físico superior ao da vida real. No entanto, é um artista notável e, na vida privada, um conversador inteligente. Não duvido de que *Tudo isto e o Céu* seja, como tu dizes, um argumento ideal para êle. — Não creio que vejamos esta época *La Route enchantée* de Charles Trenet.. — *Pennies from heaven* é uma das mais lindas cancões do Cinema. E o Bing Crosby canta-a, como ninguém.

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

628 — CINEMÁTICO *(Lisboa)* —No Sindicato dos Profissionais de Cinema, Rua D. Pedro V, n.° 60-1.°, poderás obter informações que te interessam sôbre o curso a que te referes.—Não creio que vejamos na presente temporada, filmes brasileiros. — O Chantecler costumava vender os «quadrados» de filmes, que me dizes coleccionar.

629 — PROFESSOR ZENTHUL *(Pôrto)*. — O filme *Beau Geste*, na sua versão sonora, foi interdito em Portugal. — Jan Kiepura encontra-se em Hollywood. Mas desconhecem-se ainda os seus projectos. — Os filmes brasileiros não interessam suficientemente o público e os exibidores, para serem apresentados, em Portugal, logo após a sua estreia no Rio. Esperamos, no entanto, que, num futuro próximo, tal aconteça, sobretudo quando a produção cinematográfica no Brasil atinja o índice de perfeição correspondente aos valores materiais e intelectuais da grande nação irmã.

630 — LUIZ XV *(Algés)*. — Não fiques escandalizado com as minhas apreciações grafológicas... — Oxalá o «eco» vindo a lume no *Animatógrafo* tenha o condão de deixar entrar a nossa revista nos colégios e internatos. Custa a crer, na realidade, que ainda haja espíritos tão retrógrados. — Vai escrevendo a lápis ou a tinta, ou ainda a sangue, como o Conde de Monte Cristo. De qualquer forma, lerei, sempre, com o maior prazer, as tuas notícias — Este leitor retribui os cumprimentos de *43 A*.

631 — SYLVIA FOWLER *(Odivelas)*. — Tenho o maior prazer em receber-te, nesta casa, tanto mais quanto é certo que vens apadrinhada por dois amigos, como *Luiz XV* e *Saùdade*. Espero que sejas uma leitora assídua e paciente, pois a correspondência é tanta que as respostas levam alguns meses a aparecer. Fico ciente de que, muito embora hajas adoptado o pseudónimo da Rosalind Russel, em *Mulheres*, as tuas unhas não são aceradas e o «vermelho da selva», tem a côr desmaiada do nacar... Aguardo, agora, a tua próxima carta.

632 — I AM CHARLES BOYER *(Mortágua)*. — «A Doroty é um amor de rapariga». A quem o dizes, amigo! — A tua carta para a Maria Domingas foi entregue oportunamente.

633 — PRINCESA DA SELVA *(Lisboa)*. — Como queres tu que te possa responder mais depressa?! Eu sei que muitos leitores me não perdoam. Mas que posso fazer?! Tenho esperança de que os empregados dos correios, depois da minha morte, façam as diligências necessárias para que me canonizem... Estou a ver a minha imagem, de «Parker» na mão, tendo por pedestal uma montanha de cartas, crivadinho de setas atiradas por leitoras que supõem que eu as esqueci... uma espécie de S. Sebastião das Epístolas... — Nunca me maçam as tuas cartas. Escreve-me sempre.

634 — DINHAMÁ *(Lisboa)*. — Respondo aquele «triste postal» *(a designação é tua)* em que me dizes que te encontras numa papelaria a ler a correspondência, onde brilha o teu nome. Aguardo a tal carta, de fazer perder o fôlego...

635 — DEANNA DURBIN PORTUGUESA *(Lisboa)*. — Dizes-me que já me escreveste duas vezes. No entanto; é curioso tenho a sensação de que pela primeira vez encontro o teu pseudónimo. Seja como fôr, aqui estou a responder-te. — «Não sei o que Vv. rapazes acham na Deanna, que, depois de verem um filme dela ficam pelo beicinho». O que achamos na Deanna? Em primeiro lugar, uma linda rapariga, extremamente simpática, jovem e elegante, feminina e gracil. Depois, descobrimos nela uma artista extremamente sensível, dotada de uma voz prodigiosa. E finalmente, quando a vamos ver, damos com um filme recheado de qualidades, bem feito, original, que está para o Cinema, como a Deanna para as outras vedetas... Mais pormenores sôbre a Deanna? Consulta o Vangham Paul. — Talvez na agência da Fox-Filmes em Lisboa, Rua Braamcamp, 11 consigas obter a foto de Richard Green, que tanto te interessa.

636 — MR. SMITH *(Pôrto)*. Ignoro se Maria da Graça enviará a foto aos leitores que façam acompanhar de dinheiro os seus pedidos. — Transmito as tuas saùdações a *Scarlet* e a *Ninon*, que tu dizes «ter a impressão de conhecer».

637 — ANTINEA *(Lisboa)* — Deves estar satisfeita com a tua experiência. Desde que passaste a escrever com mais assiduidade, as respostas sucedem-se em excelente ritmo. — O título original de *Quatro Raparigas de Branco* é *Four girls in white*. — Vou colhêr elementos para poder responder às tuas outras perguntas.

638 — REY SEM TRONO *(Lisboa)*. — Mischa Auer trabalha na Universal Studios, Univer-City, Hollywood, Califórnia. — Êste leitor deseja corresponder-se com *Antinea II* e aguarda que esta leitora mude de pseudónimo.

639 — ESPIÃO X2-A-L *(Matosinhos)*. — Que pseudónimo tão enigmático. Dir-se-ia uma personagem de *Pôrto de Abrigo*. — O retrato que fazes da tua pessoa (muito aborrecido, muito atrevido e «gabarola») é sincero de mais, para ser verdadeiro. Compreendo perfeitamente o «fraco» que dizes ter pela Eleanor Powell e pela Danielle Darrieux. Dêsses «fracos» muito reza a História... — Para te inscreveres no *Clube do Animatógrafo* deverás dirigir-te ao Director da nossa revista e não te esqueças de indicar a idade.

640 — CORAÇÃO ABANDONADO — *(Vale de Figueira)*. — Muito folgo por que o entusiasmo que a nossa revista te despertou te haja encorajado a escrever-me. — Dos pseudónimos que referiste, escolhi o que encabeça estas linhas. É de fazer chorar as pedrinhas da calçada... — Podes solicitar a Maria da Graça, por intermédio de *Animatógrafo*, a foto que te interessa. Mas duvido de que vejas o teu pedido bem sucedido porque me consta que a insinuante estrelinha não dispõe de fotos para dedicar aos seus múltiplos admiradores. — *Um Homem do Ribatejo* continua na fase mais comum dos filmes portugueses: em projecto. — Danielle Darrieux encontra-se no Côte d'Azur, mas é inútil escrever-lhe, agora. Aguarda melhor oportunidade.

641 — CENDRILLON *(Pôrto)*. — Tenho muita alegria em ver-te subir, pela primeira vez, os degraus do meu palácio! Gostosamente te apresento as boas vindas, fazendo votos porque, como *Cendrillon* que és, o Destino te reserve o futuro brilhante da fabulosa *Gata Borralheira*. — Fiquei ciente das tuas preferências e registei com júbilo o teu horror ao Fado. — De acôrdo contigo, no capítulo das vedetas da tua simpatia: a Lamour e a Lamarr são, de facto, dignas de tôdas as homenagens. — Martha Eggerth está em Hollywood e consta que foi contratada pela Universal.

642 — EU TENHO UMA FRANÇA *(Castro Daire)*. — Sempre que escrevo o teu pseudónimo procuro adivinhar qual será o seu significado. Mas acabo por desistir... *Eu tenho uma França!* Diabo de frase, mais enigmática — Podes escrever em português à Deanna Durbin. Experimenta solicitar a foto, sem enviar dinheiro. Pode ser que pegue...

643 — PHOEBUS. — Sê muito bem vindo a esta secção! — Com as tuas deduções sôbre a minha identidade, não és nada «incorrecto» *(sic)*. Pelo contrário: acho sempre imensa graça às vossas proezas detectivescas.—*Phoebus* gostaria de trocar correspondência com leitoras desta secção.

644 — MILAI *(Lisboa)*. — Espero ler-te mais vezes. Saúdo-te, vivamente, na tua primeira aparição nesta secção. — *Traquina Querida* foi até agora o único filme de Gloria Jean que correu nas nossas telas.

645 — PIRATA BAILARINO *(Penafiel)*. — «O pai da filha de Marlene» é o sr. Sieber, que foi (há quem diga que ainda é) o marido de Marlene Dietrich. — À tua terceira pregunta não respondo. É indiscreta em demasia...

646 — GOSTO MUITO DE DEANNA *(Coimbra)*. — O teu inglês deixa muitíssimo a desejar. Por isso traduzi o que o teu pseudónimo queria significar. *I like very of Deanna*, amigo, faria levantar do túmulo o próprio Shakespeare... — As preguntas do teu postal perderam a oportunidade, razão porque passo sôbre elas sem responder.

647 — S. BAR *(Loulé)*. — Fizeste muito bem em escrever-me.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

— Entre *Lanceiros da Índia* e *Gunga Din*, há quanto a mim uma diferença fundamental: o primeiro era a epopeia dos ingleses, na Índia, tratada a sério. A segunda sacrificava a verosimilhança às notas humorísticas. Douglas Fairbanks Jor., Victor Mac Laglen e Cary Grant dir-se-iam uma nova encenação dos três mosqueteiros, nas paragens inhóspitas da Índia, em luta com as tríbus rebeldes. — Os intérpretes de *Rapazes Vagabundos* eram, na sua quási totalidade, os mesmos de *Ruas de Nova York*.

648 — UM APAIXONADO DE GINGER ROGERS *(Horta)*. — Apreciei vivamente a tua carta que chegou a Lisboa com um enorme atrazo. Folgo porque *Animatógrafo* tenha agradado aos cinéfilos da Horta e agradeço as tuas boas palavras. — Espero que o número em honra da tua estrêla favorita te haja agradado cem por cento. — Êste leitor gostaria de se cartear com leitoras da nossa revista. — Podes solicitar a foto de Tereza Casal, por intermédio da nossa revista. Isto é: escreves-lhe ao cuidado de *Animatógrafo*, R. do Alecrim, 65, Lisboa.

649 — JIM, O CONQUISTADOR *(Lisboa)*. — Pedes-me a morada de quinze vedetas. Não será demais? — Hedy Lamarr, Myrna Loy, Rosalind Russell, Ann Rutherford, Eleanor Powell e Hellen Gilbert: Metro Goldwin Mayer Pictures, Culver City, Califórnia. — Alyce Faye e Carmen Miranda: 20th Century — Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Claudette Colbert e Paulette Godard: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Joan Bennett e Carole Lombard: United Artists, 1040 Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia. — Ginger Rogers: RKO-Radio Pictures, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Os endereços das outras duas vedetas aparecem em respostas precedentes.

650 — BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — Muito engraçada a aventura que me contas. Quási cinematográfica. — Fico ciente da tua admiração pelo Freddie Bartholomew, que já está um homenzinho. Como sabes, êle completou 17 anos no dia 28 de Março último. — *O par invisível diverte-se* é um filme gracioso. Mas prefiro o primeiro da série: *O par invisível*, tout-court. — Prefiro a Ginger Rogers loira à Ginger morena. Esta preferência diz respeito apenas à Mulher. Como actriz admiro-a sempre, mesmo que ela apareça careca. — Dos últimos filmes estreados, não deves deixar de ver *A Loja da Esquina*, *Traquina Querida*, *Kitty*, *a Rapariga da Gola Branca*, *Balalaika (malgré* Nelson Eddy), *Tom Edison, o pequeno génio* e *Peço a palavra!* Quanto aos outros, a crítica de *Animatógrafo* te elucidará. — *Katia* é um bom filme. — Transmito as tuas saudações a *Rey sem trono*, *Eterno Garoto*, *Doido com juizo*, *Deram-lhe uma Espingarda*, *I love Shirley Temple*, *El Estudiante*, *Rafles*, *Exilado do Mondego*, *Cinderella*, *Conde Misterioso* e *Bel, o pirata*.

651 — CINEMÁTICO *(Lisboa)*. — *Gone with the wind*, segundo as minhas informações, deve ser apresentado no decurso da próxima temporada. — Quando veremos *O Ditador?* No dia 31 de Abril corrente. — Estou certo que tu e eu nos daremos, como Deus com os Anjos.

652 — FAN DE ALICE FAYE *(Lisboa)*. — Na tua carta, fazes nada menos de sete preguntas o que me parece um pequeno exagêro. Como sabes, o artigo n.º 1 dos estatutos do «Correio de Bel-Tenebroso» reza assim: «Tôda a carta tem resposta» e o seu parágrafo acrescenta: «Bel-Tenebroso não se obriga a responder a mais de três preguntas por cada carta». — O Capitólio não funciona sob a gerência de Vicente Alcântara, mas tem com êste um «pacto de amizade», como agora se diz... — Quando um filme não figura no «Quadro de Honra» do *Animatógrafo*, a razão é simples: não tem razões justificativas, para tanto.

Bel-Tenebroso

Robert Darène

(Conclusão da pág. central)

de que o cinema lhe oferece nessa altura poucas oportunidades em França.

Fazem-se mil projectos, mas não se fazem filmes. «Brazza», estreado com grande aparato em Paris, teve a sua carreira interrompida pela invasão. Mas um filme que exigira tantos esforços e que servia tão bem o prestígio francês, não podia ser entregue ao esquecimento. Darène organiza então *tournées* na França não-ocupada e na África do Norte, apresenta o filme, assegura-lhe uma carreira digna do trabalho que custara e da ideia que o inspirara.

A seguir descobre na Argentina créditos bloqueados, e imediatamente pensa em organizar em Buenos Aires uma produção franco-argentina. O que importa é que o cinema francês viva, mesmo que seja no exílio... Que não vegete, que se não deixe distanciar nem esquecer. Mil dificuldades na zona livre como na zona ocupada, retardamento dos mais belos projectos, paralizam os mais competentes cineastas franceses. É preciso que todo êsse talento francês, todo êsse espírito da França, continue a fulgir nos *écrans* do Mundo. E Darène, infatigável, obtém auxílios, consegue colaborações, arranca uma missão oficial.

Foi assim que o encontrámos em Lisboa, à espera de barco para partir, de um barco que tem um nome predestinado Boa Esperança... Darène, parte cheio de esperanças, de projectos. Não nebulosos e vagos, mas sòlidamente alicerçados em números e em contratos. Abel Gance, Jacques Feyder, Poirier, Moguy, prometeram-lhe a sua colaboração, Edwige Feuillère, Harry Baur, Pierre Blanchar, estão prontos a trabalhar com êle.

Leva também argumentos, romances de aventuras dos pampas, legendas gaúchas. Mas aqui, em Lisboa, encontrou o mais tentador dos papéis: um papel que voltará a transportá-lo à floresta fascinante e perigosa, num filme a fazer entre homens, pelo prazer da aventura e do trabalho meritório: um filme inspirado por «A Selva» de Ferreira de Castro. O seu assunto tentou já numerosos cineastas. Darène será, talvez, o que, finalmente, realizará êsse belo projecto.

SUZANNE CHANTAL

Harold Lloyd

(Conclusão da pág. 12)

ria de «estrêla». Lucille correspondeu à distinção e à confiança nela depositada, pois a sua actuação em «A Girl, a Guy and a Gob» é a todos os títulos, felicíssima, pela intenção, pela vivacidade, pela simpatia que soube imprimir à sua datilógrafa, cujo coração baloiça, indeciso, entre o patrão rico e o noivo, marujo jovial e destemido.

George Murphy, o bailarino admirável de tantos filmes musicais, é o alegre marinheiro dêste filme de Harold, onde as suas até agora ignoradas possibilidades de comediante são, com iniludível e feliz resultado, postas à prova.

Se não fôsse um lugar comum, estavamos tentados a afirmar que Edmund O'Brien, o apaixonado patrão de Miss Ball, não desmancha o conjunto, porquanto raramente como aqui se pode aplicar com tanta justiça a tão estafada apreciação.

Pelo que fica dito, fàcilmente se pode antever um êxito absoluto e merecido a esta primeira produção de Harold Lloyd.

M. R.

PANORÂMICA

(Conclusão da página 5)

Lady Eva

O correio de Nova York trouxe-nos, esta semana, um misterioso embrulho. Que seria? Rectangular, leve, grande, tanto podia tratar-se duma máquina infernal como dum pudim de ovos enviados por algum amigo dado à arte da copa e da cozinha. Mas o carimbo insistia: «Nova York» e ao lado lia-se: «Paramount». Continuámos intrigados. Que seria? Um rôlo de filme, uma rima de calendários...?

Abrimos o embrulho.

Dentro, havia apenas uma maçã. Uma maçã de cêra, muito rubra, com um resto de verdura e um cartão suspenso do pedúnculo. O cartão dizia: «Cêda à tentação... e não me culpe por isso». Tratava-se de reclamar o novo filme de Barbara Stanwyck, «Lady Eva», ou (título provisório) «As 3 noites de Eva».

Maçãs a servirem para publicidade! Essa cá nos fica atravessada!

Sim? Não?

O «Jornal de Notícias», do Pôrto, publicou a seguinte local:

«Lançou a revista «Animatógrafo» guerra ao velho uso do intervalo durante a exibição dum grande filme. Fundamenta o seu ponto de vista no facto da fita ser partida, por virtude do intervalo, exactamente quando maior interêsse está a despertar. Como é natural, tem havido concordância e discordância. A maioria inclina-se, contudo, para a guerra ao intervalo. Haver ou não haver intervalo, eis a questão. Que pode interessar-nos o assunto, tendo nós uma função designadamente de informação política? Dessa maneira não pensa um dos nossos amigos, quando nos escreve nestes termos: «O intervalo, com efeito, deve acabar. Nenhum interêsse tem, e só serve para fazer diminuir o interêsse do filme e, ainda, para o espectáculo acabar mais tarde. Como o senhor tem pugnado pela melhor ordenação do nosso cinema, que em seu entender — e muito bem — deve ser valorizado, não seria fora do propósito na sua secção acompanhar a guerra ao «intervalo», fazendo com que se acabe êsse estúpido anacronismo». Podemos acompanhar êste movimento. Também não encontramos vantagem no intervalo. Se acabarem com êle nada se perde».

«Animatógrafo» agradece, sinceramente, as palavras e a atitude do leitor e do «Jornal de Notícias».

MICKEY ROONEY, JUDY GARLAND PAUL WHITEMAN reünidos no mesmo filme



Vamos ver, brevemente, três artistas célebres e muito queridos das nossas plateias, reünidos no mesmo filme: «Strike up the band»!

Um deles, Paul Whiteman, que já não viamos desde o «Rei do Jazz», essa prodigiosa producção em tecnicolor bicromo, volta a deliciar-nos com as suas espantosas criações musicais.

Mickey Rooney, o actor mais excepcional dos nossos dias e que criou uma maneira de representar que, sendo cinematográfica, foge às regras da arte de interpertar no cinema, vem associar-se a Paul Whitman e dar-nos alguns esplêndidos momentos musicais.

Judy Garland, outra vedeta de primeira categoria, associa-se nas cenas de «jazz», como a gravura acima nos demonstra cabalmente.

Sabemos ainda que Judy vai exibir-se, com Mickey Rooney, em alguns números de dança de seguro efeito e em que o protagonista de «Tom Edison» apresentará as suas extraordinárias e invulgares qualidades de grande e consumado bailarino. A alegria, o movimento, a intensão que empresta às suas criações coreográficas vão divertir o público.

O «jazz» formado por Paul Whiteman, que continua a ser, e muito justamente, apreciado; e ainda Judy Garland e Mickey Rooney vai, certamente, agradar em cheio, destruindo as últimas relutâncias daqueles que porventura ainda detestem ou não compreendam os novos ritmos musicais. Notar-se-á então que a música de «jazz» nada tem de bárbaro, pelo contrário, e que trouxe até nós importantes modificações do ritmo e da harmonia que já haviam tentado, noutras modalidades, musicógrafos de nomeada como Stravinsky.

Lamentável é que ainda apareça alguém — geralmente, pessoas simples e metódicas que tiveram popularidade nos seus tempos — que não sinta nem compreenda a música de «jazz», que resolveu complicados problemas de técnica musical que aliás já tinham tentado e seduzido músicos famosos e sabedores.

Por snobismo, há quem admire Wagner sem o sentir nem o entender. Por snobismo também há quem deteste o «jazz» e, bem assim, tôda a música moderna — mesmo quando ela não seja mais do que música... doutros tempos. Porque — diga-se a verdade — chega-se a êste caso espantoso de certos auditores se encontrarem diante de música clássica tocada noutro ritmo com outra orquestração e não a conhecem! Dito isto, fica avaliado o saber e o «ouvido» dêsses auditores.

Desta vez, Paul Whiteman e o endiabrado Mickey Rooney vão tentar o milagre de catequizar os amadores de boa música, enlevando-nos, embriagando-os com os trechos a executar pela sua orquestra de que faz parte a talentosa Judy Garland.

Talvez os renitentes, os espíritos de contradição, os teimosos, persistam em dizer: «Não gostamos. Preferimos as velhas mòdinhas de idade avançada e que, por conseguinte, cristalizaram nas toadas que se cantavam nos salões, em 1890».

Questão de gôsto... Então não se discute. Como se não discute se algum disser:

— Aldous Huxley? Ah! sim... mas prefiro George Ohnet...

Preparem-se leitores: Mickey Rooney, Judy Garland e Paul Whiteman vêm aí!

Quem quiser passar uma noite agradável não deixe de vê-los.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Na engraçada comédia musical «DATA MEMORÁVEL», que Filmes Alcântara vão apresentar, Deanna Durbin contracena com Kay Francis

ESTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: ALICE FAYE